

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA – LICENCIATURA

Carlos Eduardo da Cunha Borges

**UM NOVO HOLOCAUSTO? A EVOCAÇÃO DO NAZISMO COMO
INFLUENCIADOR DA OPINIÃO PÚBLICA DURANTE A GUERRA
ISRAEL-HAMAS DE 2023**

Santa Maria, RS
2023

Carlos Eduardo da Cunha Borges

**UM NOVO HOLOCAUSTO? A EVOCAÇÃO DO NAZISMO COMO
INFLUENCIADOR DA OPINIÃO PÚBLICA DURANTE A GUERRA
ISRAEL-HAMAS DE 2023**

Trabalho de conclusão de graduação
apresentado ao Curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal de Santa
Maria (UFSM, RS), como requisito parcial
para obtenção do título de **Licenciado em
História**.

Orientador: Prof. Dr. João Manuel Casquinha Malaia Santos

Santa Maria, RS
2023

Carlos Eduardo da Cunha Borges

**UM NOVO HOLOCAUSTO? A EVOCAÇÃO DO NAZISMO COMO
INFLUENCIADOR DA OPINIÃO PÚBLICA DURANTE A GUERRA
ISRAEL-HAMAS DE 2023**

Trabalho de conclusão de graduação
apresentado ao Curso de Licenciatura em
História da Universidade Federal de Santa
Maria (UFSM, RS), como requisito parcial
para obtenção do título de **Licenciado em
História**.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023:

**João Manuel Casquinha Malaia Santos, Doutor (UFSM)
Presidente/Orientador**

Francisco de Paula Souza de Mendonça Júnior, Doutor (UFSM)

Odilon Caldeira Neto, Doutor (UFJF)

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pelo acolhimento e oportunidade de desfrutar de um ensino gratuito e de qualidade;

Ao corpo docente e administrativo do departamento do curso de história da UFSM, pelo apoio e pelos valorosos ensinamentos;

Ao professor e orientador deste trabalho, João Manuel Casquinha Malaia Santos, que confiou no meu potencial e me acolheu enquanto orientando;

Aos professores Francisco e Odilon, que gentilmente aceitaram o convite para participar da minha banca e por suas contribuições fundamentais para a pesquisa;

Aos meus colegas e amigos, Diego, Fabrício, Pedro e Vinícius, pelo apoio, conselhos, conversas e amizade nestes anos de graduação;

Aos meus amigos, Luan, Thuany e Vitória, pela amizade sincera e parceria por todos os momentos que se fazem presente dentro da complexidade humana;

Aos meus irmãos, João Pedro, Mateus e Vinícius, pelo apoio incondicional;

À minha mãe, Adriana. Essa conquista não existiria sem teu cuidado, carinho e apoio.

It seems to me that political authority, although unable to change history, may by its actions produce quite a fair illusion and appearance of such an ability. Political power has methods and instruments to do so.

The Lady of the Lake - Andrzej Sapkowski

RESUMO

UM NOVO HOLOCAUSTO? A EVOCAÇÃO DO NAZISMO COMO INFLUENCIADOR DA OPINIÃO PÚBLICA DURANTE A GUERRA ISRAEL-HAMAS DE 2023

AUTOR: Carlos Eduardo da Cunha Borges

ORIENTADOR: Prof. Dr. João Manuel Casquinha Malaia dos Santos

Este trabalho está inserido no campo da história pública e da história do tempo presente, tendo como objetivo a análise de discursos, coletados na plataforma Twitter, do primeiro-ministro do Estado de Israel, Benjamin Netanyahu e do presidente da República da Colômbia, Gustavo Petro, que empregam termos que remetem à memória do nazismo e do Holocausto em narrativas acerca da Guerra Israel-Hamas de 2023. Motivados pela sensação de que essas narrativas estavam baseadas em usos polêmicos do passado, definimos a questão-chave desta pesquisa: como essas autoridades políticas estão comparando ambos os lados da Guerra Israel-Hamas de 2023 com o regime nazista? Para investigarmos essa questão, definimos a seguinte estrutura teórico-metodológica: procurou-se levantar um debate conceitual sobre elementos que compõem o fenômeno da pós-verdade e filiar esses conceitos ao método de Análise de Discurso Francesa (AD). O *corpus* delimitado constituiu em 12 *tweets*, 4 de Netanyahu e 8 de Petro, que carregavam termos como “nazismo”, “Holocausto” e “Auschwitz”. Entre os resultados obtidos, chegamos à conclusão de que as comparações com o passado empregadas por Petro e Netanyahu fazem parte de uma estratégia retórica que busca destacar a gravidade das situações do presente colocadas em paralelo com as do passado. As narrativas analisadas mergulham nas traumáticas memórias coletivas acerca dos eventos da Segunda Guerra Mundial, em um movimento que descontextualiza e apela para a memória como um veículo que procura emocionar as audiências e tomar o lugar da historicidade.

Palavras-chave: Pós-verdade; Nazismo; Análise de Discurso; Holocausto; História Pública.

ABSTRACT

A NEW HOLOCAUST? THE EVOCATION OF NAZISM AS AN INFLUENCER OF PUBLIC OPINION DURING THE 2023 ISRAEL-HAMAS WAR

AUTHOR: Carlos Eduardo da Cunha Borges
ADVISOR: Prof. Dr. João Manuel Casquinha Malaia dos Santos

This work is situated in the field of public history and contemporary history, aiming to analyze discourses collected on the Twitter platform from the Prime Minister of the State of Israel, Benjamin Netanyahu, and the President of the Republic of Colombia, Gustavo Petro. Both leaders use terms that refer to the memory of Nazism and the Holocaust in narratives about the Israel-Hamas War of 2023. Motivated by the sense that these narratives were based on controversial uses of the past, we defined the key question of this research: how are these political authorities comparing both sides of the Israel-Hamas War of 2023 to the Nazi regime? To investigate this question, we defined the following theoretical-methodological structure: we sought to raise a conceptual debate on elements that make up the phenomenon of post-truth and relate these concepts to the method of French Discourse Analysis (DA). The delimited *corpus* consisted of 12 *tweets*, 4 from Netanyahu and 8 from Petro, carrying terms such as "Nazism," "Holocaust," and "Auschwitz." Among the results obtained, we conclude that the comparisons with the past employed by Petro and Netanyahu are part of a rhetorical strategy that seeks to emphasize the severity of present situations placed in parallel with those of the past. The analyzed narratives delve into the traumatic collective memories of the events of World War II, in a movement that decontextualize and appeals to memory as a vehicle that seeks to emotionally engage audiences and take the place of historicity.

Keywords: Post-truth; Nazism; Discourse Analysis; Holocaust; Public History.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Comparações entre o nazismo e o Hamas.....	31
FIGURA 2 – Encontro de Netanyahu com Rishi Sunak.....	33
FIGURA 3 – Petro sobre as declarações de Yoav Galant.....	35
FIGURA 4 – Destruição no centro de Gaza e o Gueto de Varsóvia.....	36
FIGURA 5 – O 1933 global e a barbárie do consumo.....	37
FIGURA 6 – O 1933 global e a destruição da democracia e da liberdade.....	38
FIGURA 7 – Petro, o povo eleito e a ressurreição de Hitler.....	40
FIGURA 8 – Manifestações em Londres.....	42
FIGURA 9 – Conversa de Netanyahu e Joe Biden.....	45
FIGURA 10 – Resposta de Netanyahu à Trudeau.....	47
FIGURA 11 - Reação de Petro e os campos de concentração.....	48
FIGURA 12 – A solução final e a crise climática.....	49
FIGURA 13 - O Auschwitz colombiano.....	51

LISTA DE SIGLAS

AD	Análise de Discurso
FDI	Forças de Defesa de Israel
IFPH	Federação Internacional de História Pública
ISIS	Estado Islâmico do Iraque e do Levante
NCPH	Conselho Nacional de História Pública dos Estados Unidos
UE	União Europeia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DEBATES CONCEITUAIS E METODOLOGIA.....	14
2.1 HISTÓRIA PÚBLICA.....	14
2.2 PÓS-VERDADE, MEMÓRIA, VERDADES AFILIATIVAS E “ALT/HISTORIES”	16
2.3 TWITTER: O ECOSISTEMA PERFEITO PARA O FLORESCIMENTO DA PÓS-VERDADE.....	23
2.4 METODOLOGIA: ANÁLISE DE DISCURSO.....	26
3 ANÁLISE DO CORPUS DOCUMENTAL: “A NOVA VERSÃO DO NAZISMO”.....	30
3.1 BENJAMIN NETANYAHU.....	32
3.2 GUSTAVO PETRO.....	34
4 ANÁLISE DO CORPUS DOCUMENTAL: “O AUSCHWITZ COLOMBIANO”.....	44
4.1 BENJAMIN NETANYAHU.....	44
4.2 GUSTAVO PETRO.....	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS:.....	57



Benjamin Netanyahu - Binyamin Netanyahu

@netanyahu

...

Com o primeiro-ministro britânico Rishi Sonak que veio a Jerusalém para uma visita importante. Eu realmente aprecio seu forte apoio. O Hamas são os novos nazis, são o novo ISIS e devemos combatê-los juntos. Tal como o mundo civilizado se uniu para combater os nazis e se uniu para combater o ISIS, deve agora unir-se a Israel enquanto lutamos e derrotamos o Hamas. Eu disse ao primeiro-ministro Sunak: Há oitenta anos, o mundo civilizado apoiou a Grã-Bretanha na sua hora mais sombria. Esta é a nossa hora mais sombria. Esta é a hora mais sombria do mundo. Devemos permanecer juntos – e vencer! (Foto: Amos Ben Gershon, L.A.M.)



Gustavo Petro

@petrogustavo

...

Isto é o que os nazistas disseram sobre os judeus. Os povos democráticos não podem permitir que o nazismo se restabeleça na política internacional. Os israelitas e os palestinos são seres humanos sujeitos ao direito internacional. Este discurso de ódio, se continuar, só trará um holocausto.

1 INTRODUÇÃO

Hoje eu acordei tarde. Insônia. Minha rotina quase religiosa foi maculada e interrompida devido a pensamentos vis de ansiedade e preocupação perante a indecisão da escolha do tema deste trabalho de conclusão de graduação. Desde que cursei a disciplina de história pública no segundo semestre de 2022, coloquei na minha cabeça que queria pesquisar e contribuir para o campo, porém, essa decisão sempre esteve acompanhada da incerteza de qual direcionamento teórico tomar.

Pesquisar os usos do passado na *web* sempre me pareceu fascinante, por mais desagradável que o processo de análise dessas fontes possa ser. Interpretar as diferentes formas que indivíduos, que Pierre Vidal-Naquet nomeou precisamente de “assassinos da memória”¹, maleiam e corrompem o passado com a intenção de defender agendas políticas, direcionando inadequadamente massas populares através de narrativas que ignoram o processo histórico e apelam emocionalmente na construção de uma realidade alternativa.

Levando em consideração esses interesses de pesquisa, comecei a ler sobre narrativa, revisionismo histórico, memória e outros conceitos que compõem o espectro do fenômeno da pós-verdade, e me espantei com o fato de que encontrei publicações nos campos da história, comunicação, filosofia, ciências sociais, linguagem, etc., enfatizando o caráter multidisciplinar deste problema e a urgência na busca por soluções e formas de combater a desinformação.

No começo de 2023, realizei uma análise de discursos de membros neonazistas no fórum de extrema-direita *Stormfront* durante o Dia Internacional da Lembrança do Holocausto e me deparei com uma quantidade exorbitante de materiais e narrativas que negavam a existência do Holocausto, das câmaras de gás nos campos de concentração e argumentos de que a solução final foi apenas a expulsão territorial das comunidades judaicas para o leste europeu, baseados em argumentos de revisionistas notórios como Robert Faurisson, Germar Rudolf, David Irving e Fred A. Leuchter. Essa análise despertou meu interesse em estudar sobre como os neonazistas praticam o revisionismo histórico e fabricam narrativas que negam os crimes hediondos praticados pelo Eixo nos eventos da Segunda Guerra Mundial, porém, eu ainda não havia decidido quais fontes utilizar e quais problemas que tentaria responder.

¹ Na obra “*Les assassins de la mémoire - Un Eichmann de Papier et autres essais sur le révisionnisme*”, publicada em 1987.

Neste dia atípico de insônia, tentei retomar minha rotina com certa normalidade, levantando da cama, tomando banho, preparando meu chimarrão e ligando o computador para vasculhar as redes sociais e ficar por dentro das últimas notícias. Ao acessar o “X”² (*site* popularmente conhecido como Twitter), percebi que entre os “assuntos do momento”³ estava o nazismo. Devido a minha curiosidade, decidi clicar no tópico para compreender o porquê deste termo estar entre os mais comentados e o que as pessoas estavam escrevendo sobre ele. Para a minha surpresa, uma quantidade gigantesca de usuários, incluindo jornalistas, acadêmicos e chefes de Estado estavam fazendo comparações entre o regime nazista, o movimento Hamas e o Estado de Israel. Alguns comentavam que o *modus operandi* do Hamas era nazista e lembrava os crimes de guerra iniciados pelas políticas antissemitas do governo de Adolf Hitler na Alemanha na década de 1930, outros defendiam que o sionismo é equivalente ao nazismo no século XXI, e que o Estado de Israel iniciou um novo Holocausto com os povos palestinos residentes na Faixa de Gaza. A minha primeira reação ao observar todas essas comparações e interpretações me inspirou a refletir sobre o principal problema que formulei neste trabalho: como autoridades políticas estão comparando ambos os lados da Guerra Israel-Hamas de 2023 com o regime nazista?

Ao não perceber nenhuma comparação histórica que explicasse os usos dessas narrativas de forma que satisfizesse minha inquietação, decidi analisar esses discursos com maior profundidade, principalmente motivado pela sensação de que essas narrativas estavam baseadas em usos do passado, utilizadas para defender agendas políticas das partes envolvidas neste conflito. Ao mesmo tempo, pretendo questionar possíveis problemáticas justapostas nessas narrativas.

Para alcançar este propósito, serão abordados nesta pesquisa conceitos como pós-verdade, narrativa, memória, *alt/histories* e verdades afiliativas, principalmente embasados nas ideias dos autores Thomas Zoglauer (2023), Ignas Kalpokas (2019), Marius Gudonis (2021), Ben Mercer (2021) e Enzo Traverso (2012). A partir dos debates conceituais que levantarei desses autores, analisarei *tweets*⁴ que comparam aspectos da Guerra Israel-Hamas de 2023 com elementos do nazismo, postados no Twitter entre os dias 7 de outubro de 2023 e 24 de novembro de 2023, pelo primeiro-ministro do Estado de Israel,

² O Twitter, rede social fundada em 2006, foi adquirida pelo empresário Elon Musk em 2022 e rebatizada com o nome “X” no ano seguinte. Tendo em vista que “Twitter” é o termo no qual a rede ainda é reconhecida popularmente, optei por utilizar o nome antigo no decorrer deste trabalho.

³ Assuntos do momento é uma funcionalidade do Twitter que identifica através de um algoritmo os tópicos mais comentados pelos usuários em um curto período de tempo.

⁴ *Tweet* é o termo utilizado para designar as publicações realizadas na rede social “X”, também conhecida como “Twitter”.

Benjamin Netanyahu e por Gustavo Petro, presidente da República da Colômbia, datas que representam o início da guerra e o começo do primeiro acordo de cessar-fogo, respectivamente.

Portanto, observando o caráter e as características citadas até então nesta breve introdução, é justo expressar que este presente trabalho, intitulado de “Um novo Holocausto? A evocação do nazismo como influenciador da opinião pública durante a Guerra Israel-Hamas de 2023” está inserido no campo da história pública e da história do tempo presente, tendo como objetivo de estudo a análise de discursos de figuras públicas e a hipótese de que a história está sendo utilizada para despertar um passado traumatizador na memória coletiva com o intuito de justificar as ações do presente, a partir de narrativas que não procuram pensar de forma crítica e examinar políticas complexas.

Primeiramente, explicarei minha interpretação do que se entende por “história pública”, dada a recente ascensão de debates teóricos acerca deste campo que cresceu colossalmente nos últimos anos, principalmente em consequência da grande quantidade de imagens, vídeos, podcasts, memes e outras formas midiáticas que usam e abusam da história e circulam diariamente nas redes sociais. Logo após, levantarei meu quadro teórico, comentarei sobre os debates historiográficos e esclarecerei as principais teorias por trás dos conceitos que empregarei no decorrer deste trabalho. Por fim, irei examinar as fontes selecionadas e concluirei, tentando responder as perguntas construídas no decorrer deste trabalho.

2 DEBATES CONCEITUAIS E METODOLOGIA

2.1 HISTÓRIA PÚBLICA

“Tá, mas qual história que não é pública”? Essa foi a pergunta que meu irmão mais velho me fez quando eu estava lhe explicando a minha pesquisa, e confesso que achei uma pergunta justa. Afinal, o que se entende por história pública? Segundo as nossas interpretações das informações disponíveis nos sites da Federação Internacional de História Pública (IFPH)⁵ e do Conselho Nacional de História Pública dos Estados Unidos (NCPH)⁶, história pública é a história que é escrita e apresentada para não-historiadores, ou seja, para a sociedade em geral. Existe um amplo espectro de abordagens inseridas no campo da história pública, que têm como objetivo interagir, compartilhar e comunicar de forma acessível as produções de história realizadas dentro dos ambientes acadêmicos para o público, com o intuito de engajar e provocar reflexões sobre problemas reais no mundo. De acordo com o NCPH, os historiadores públicos podem ser consultores históricos, museólogos, historiadores do governo, arquivistas, historiadores orais, gerentes de recursos culturais, curadores, produtores de filmes e mídia, interpretadores da história, historiadores preservacionistas, conselheiros políticos, historiadores locais, ativistas comunitários, entre vários outros cargos, que possuem o interesse e compromisso de fazer com que a história seja relevante e útil na esfera pública.

No Brasil, a expressão “história pública” era praticamente desconhecida há cerca de duas décadas. O campo da história pública ganhou bastante força dentro da academia a partir do *Curso de Introdução à História Pública* organizado na Universidade de São Paulo em 2011. A base do programa do curso e os debates resultantes do evento deram origem à obra *Introdução à História Pública* (2011), organizado pelas historiadoras Juniele Rabelo de Almeida e Marta Rovai, que incendiou os debates nacionais sobre o campo e é tido como um divisor de águas na produção de história pública em solo brasileiro (Santhiago, 2016). A introdução da obra, desenvolvida pela historiadora brasileira Sara Albieri, relata as diversas formas de publicações da história, como livros didáticos, “lugares de memória” (museus, monumentos e sítios históricos) e mídias em geral. A problemática levantada pela autora é

⁵ IFPH-FIHP. International Federation of Public History-Fédération Internationale pour l’Histoire Publique. Página Inicial. Disponível em: <https://ifph.hypotheses.org/>. Acesso em: 14 out. 2023.

⁶ NCPH. National Council on Public History. Página Inicial. Disponível em: <https://ncph.org/>. Acesso em: 14 out. 2023.

desenvolvida a partir da crítica sobre a omissão da academia perante as publicações que usam história, assim como propõe o estabelecimento de pontes que comuniquem o saber acadêmico e o trabalho dos divulgadores (Albieri, 2011).

A proposta de aproximar o saber acadêmico e os divulgadores da história também é defendida pelo historiador brasileiro Ricardo Santhiago no livro *História Pública no Brasil: Sentidos e Itinerários* (2016), no qual defende que a história pública não se resume apenas na história para o público, mas com o público pela prática da autoridade compartilhada (Santhiago, 2016). O método da autoridade compartilhada é a abertura do processo histórico para a contribuição popular colaborativa, procedimento também defendido por outros historiadores, como o italiano Serge Noiret que, em sua obra *Handbook of Digital Public History*, cita o argumento de Roy Rosenzweig⁷ de que, quando o historiador trabalha com comunidades, dar a voz ao público pode ser mais ético e democrático no processo de fazer a história (Noiret, 2022). Contudo, as narrativas do público precisam ser interpretadas enquanto fontes e passar pelo processo crítico do historiador, já que essas narrativas são normalmente geradas a partir da memória. A orientação do historiador é fundamental para o desenvolvimento dessa atividade colaborativa.

Já que definimos que a história pública não é somente um campo que atua na apresentação da pesquisa histórica para o público, mas que também pode compartilhar autoridade com o público na exposição do passado, cremos que seja importante pensar sobre como os usos do passado e da memória coletiva podem ter um papel poderoso dentro de uma nação. Um exemplo interessante que podemos pensar para discutir esse assunto ocorre no processo de construção das nações europeias no século XIX. Na obra “A Era do Capital: 1848-1875” (1975), o historiador inglês Eric Hobsbawm comenta que, no início do século XIX, a Europa estava dividida entre “nações que não deixavam nenhuma dúvida” e “nações que deixavam muitas incertezas” sobre seus projetos de identidade nacional.

No primeiro caso, podemos apontar a França, Inglaterra, Espanha e Rússia que possuíam história institucional, história cultural dos letrados, assim como eram Estados identificados como franceses, ingleses, espanhóis e russos, mas esse não era o caso de todos Estados-Nações no continente europeu (Hobsbawm, 1975). Países como a Alemanha e a Itália possuíam certa origem em comum dentro de seus respectivos territórios, porém tiveram que

⁷ Comentários realizados em paralelo com o livro *Presences of the Past: Popular Uses of History in American Life* (1998) encontrados no website *Roy Rosenzweig Center for History and New Media*, que suplementa os debates do livro e dos questionários aplicados por Roy Rosenzweig e David Thelen. Link de acesso: <https://chnm.gmu.edu/survey/afterroy.html>

passar por um longo processo de construção de identidade nacional, acompanhado pelo esforço de unir a memória coletiva dos povos na solidificação dos seus patrimônios históricos (Albieri, 2011). Ou seja, a cultura histórica está diretamente conectada com a forma em que uma nação pensa, age, identifica-se e elege seus representantes. Portanto, o uso do passado e a manipulação da história pode acarretar em resultados preocupantes, o que nos leva à discussão do primeiro conceito do quadro teórico que utilizarei para analisar as fontes propostas nesta pesquisa, a “pós-verdade”.

2.2 PÓS-VERDADE, MEMÓRIA, VERDADES AFILIATIVAS E “ALT/HISTORIES”

Nesta seção, pretendemos desenvolver um breve debate teórico sobre os conceitos que empregaremos no decorrer do trabalho, já que nos embasaremos nestes para realizar a análise das fontes.

É praticamente impossível, na contemporaneidade, falar em história pública sem pensar no âmbito digital. Historiadores como Serge Noiret e Mark Tebeau (2022, p. 7) comentaram que o fenômeno da “virada digital” enfatiza a emergência de discutir os usos públicos do passado no âmbito digital, que transformou profundamente as humanidades, a prática da história, e a forma como o público se relaciona com a história. As redes sociais democratizaram os meios de comunicação, dando voz para que qualquer um participe da cultura histórica, e as dualidades profissional/amador e popular/acadêmico se tornam obsoletas dentro desses meios (Pons, 2022). O problema dessa abertura em que qualquer um possui os meios para criar e postar conteúdos sobre história nas redes sociais se encontra no recorrente tratamento desrespeitoso da verdade e na ignorância dos fatos, que são caracterizados como parte de um movimento denominado “pós-verdade” (Zoglauer, 2023).

Notícias falsas, acusações infundadas e desinformações não são novidades na humanidade, porém a internet possibilitou um novo meio em que o compartilhamento de opiniões, informações e rumores são instantaneamente propagados em escala global (Zoglauer, 2023). Os avanços tecnológicos nas áreas de comunicação nos séculos XX e XXI resultaram na “Era da Informação”⁸, onde o ímpeto dos fluxos sociais, culturais e econômicos ampliaram-se em ritmo exponencial. Neste contexto, um usuário de redes sociais recebe

⁸ O sociólogo Manuel Castells é reconhecido mundialmente por suas pesquisas sobre os reflexos da sociedade em rede, comunicação e globalização. Em sua trilogia “Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura” (1996 - 1998), analisa a mudança de tendência de uma sociedade industrial para uma sociedade informacional, percebida pelo constante fluxo de informações através dos avanços tecnológicos a partir da década de 1970.

ilimitadas informações diariamente e, por consequência, a avaliação crítica e a busca pela veracidade das declarações exibidas tendem a ficar em segundo plano.

A pós-verdade não se trata do fim da verdade. Nela, a verdade não é o objetivo primário, onde o conhecimento é baseado na opinião, a verdade é fabricada por narrativas e as emoções provocadas na audiência tomam o lugar da historicidade. O objetivo final é que as populações não saberão mais distinguir a verdade da falsidade e simplesmente abraçarão os relatos sem questionamentos. Para a sociedade da pós-verdade, a verdade já não mais importa e as opiniões se tornarão o conhecimento, sendo casualmente fabricadas para apoiar agendas políticas (Zoglauer, 2023).

A narrativa é o meio pela qual a pós-verdade é fabricada. Não importa se uma história é real ou falsa, apenas que pareça convincente e plausível, e que o ouvinte a aceite enquanto verdade. Ela escanteia a razão e apela para os sentimentos, com o objetivo de emocionar e reforçar certos valores, perspectivas e interpretações da realidade. A narrativa, nesse sentido, constrói sua própria realidade (Zoglauer, 2023).

Um exemplo interessante de ser apontado é o “*Birther Movement*”⁹, que começou nos Estados Unidos em 2008, onde uma série de teorias de conspiração questionaram a legitimidade da certidão de nascimento e a cidadania do então candidato democrata à presidência dos Estados Unidos, Barack Obama. O maior porta-voz dessa teoria, o empresário, personalidade televisiva e, futuramente, 45º presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, perguntava publicamente sobre o local de nascimento de Obama, indagando se o então presidente havia nascido no mesmo local que seu pai, no Quênia, país localizado no leste do continente africano, e não em Honolulu, capital do estado do Havaí¹⁰. Essa alegação deslegitimava sua candidatura, já que apenas estadunidenses nascidos em territórios americanos podem se candidatar ao cargo de presidente. Trump também alegou que Obama era islâmico, principalmente baseado pelo fato de que seu nome do meio é Hussein, mesmo nome compartilhado pelo estadista iraquiano Saddam Hussein, e que o ex-presidente dos Estados Unidos era um dos fundadores do Estado Islâmico (ISIS) em conjunto com sua colega de partido, a então Secretária de Estado dos Estados Unidos, Hillary Clinton¹¹.

⁹ The New York Times. **Birther Movement: Obama Birth Certificate**. Disponível em: <https://www.nytimes.com/topic/subject/birther-movement-obama-birth-certificate>. Acesso em: 11 nov. 2023.

¹⁰ Exame. **Donald Trump expressa dúvidas sobre cidadania de Barack Obama**. Disponível em: <https://exame.com/mundo/donald-trump-expressa-duvidas-sobre-cidadania-de-barack-obama/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

¹¹ ABC News. **How Donald Trump Perpetuated the ‘Birther’ Movement for Years**. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Politics/donald-trump-perpetuated-birther-movement-years/story?id=42138176>. Acesso em: 11 nov. 2023.

Nenhuma alegação ou teoria do *Birther Movement* foi sustentada com provas ou fontes confiáveis. Até mesmo quando a equipe do democrata publicou sua certidão de nascimento, conspiracionistas contestaram a autenticidade do documento. As narrativas apresentadas pelos membros do movimento eram conduzidas com o intuito de estabelecer dúvidas sobre a honestidade de Obama, deslegitimar suas campanhas de candidatura à presidência em 2008 e 2012 e abalar a moral do partido democrata com uma parcela dos cidadãos americanos. E, de certa forma, deu certo.

A Fox News Channel, canal de televisão e *website* dos Estados Unidos reconhecido por seu posicionamento político abertamente conservador e relacionamento próximo com o Partido Republicano estadunidense, realizou uma pesquisa de opinião em 2011 sobre a nacionalidade de Obama. O resultado da enquete demonstrou que cerca de um quarto de todos entrevistados não acreditavam na nacionalidade americana do então presidente dos Estados Unidos, assim como quase metade acreditava que havia motivos para questionar a procedência da sua natalidade, e que as ações dos “*birthers*” eram justificadas¹². A grande parcela dos entrevistados na enquete da Fox News que duvidavam e negavam a nacionalidade americana de Barack Obama eram apoiadores do Partido Republicano (37%) e da ala ultranacionalista *Tea Party* (41%), demonstrando um caráter enviesado e predisposição política para acreditar nas narrativas do *Birther Movement*.

Na pós-verdade, “uma mensagem considerada verossímil se encaixa de forma conveniente dentro de um sistema de crenças” (Zoglauer, 2023, p. 21). Ao invés da verificação das alegações, a impressão e as reações das audiências são o que importa, mesmo que a mensagem beire o absurdo. Portanto, a pós-verdade é uma forma de sinalização muito utilizada para atrair audiências e isso é mais importante do que a substância das afirmações, principalmente se essas afirmações forem desejáveis para o público.

A substância das afirmações contidas nas produções dos agentes da pós-verdade não funciona apenas como uma forma de manipulação das massas, pois as massas não estão meramente passivas no consumo desses conteúdos. A pós-verdade é co-criada a partir dos comunicadores com suas audiências, é um processo de conluio (Kalpokas, 2019). Nesse contexto, a mentira se torna verdade para aquele público, porém essa mentira não é caracterizada por sua forma convencional, pois ela representa apenas a prevalência de

¹² Fox News. **Fox News Poll: 24 Percent Believe Obama Not Born in U.S.** Disponível em: <https://www.foxnews.com/politics/fox-news-poll-24-percent-believe-obama-not-born-in-u-s>. Acesso em 11 nov. 2023.

narrativas relacionadas com opiniões e emoções já enraizadas e pré-existentes no público-alvo. A mentira é um termo anacrônico na era da pós-verdade.

A pós-verdade ignora os fatos e as emoções tomam seu lugar, em um processo onde apenas as verdades subjetivas conseguem sobreviver. Em um ambiente de pós-verdade, as “verdades afiliativas” ocorrem quando o público se identifica e responde de forma afetiva às mensagens do comunicador, criando comunidades de apoiadores e opositores. O resultado é a produção de uma “persona compartilhada” entre o comunicador e sua audiência, que transcende identidades tradicionais (Kalpokas, 2019). Essa é uma das formas que os agentes da pós-verdade atuam na história: com descaso na análise da realidade, direcionando o público-alvo a evocar sentimentos, despreocupados com os detalhes e oferecendo lições aparentemente simples (Mercer, 2022), inflando perspectivas da realidade na qual a verdade só exerce funções retóricas.

Dispostos a crer, o movimento conspiratório *Birther*, assim como outros movimentos similares pelo mundo, só encontram engajamento e ganham força a partir da crença coletiva e da participação das massas no processo de sustentação dessas falsas alegações. Não importava o quão infundadas fossem as acusações de Trump contra Obama, mas quanto o público estava investido naquelas alegações.

Na história, a pós-verdade acontece na comunicação de informações falsas sobre um fenômeno histórico que apela para as emoções e crenças pessoais de uma audiência, onde o interlocutor e o público-alvo são indiferentes à historicidade e desdenhosos das opiniões de especialistas que as contradizem, e onde o objetivo subjacente é ideológico, especialmente em apoio a uma identidade coletiva ou programa político. A pós-verdade prejudica de forma sistemática a confiança do público em especialistas, nas redes de mídia e nas instituições políticas (Cosentino, 2020).

Portanto, a narrativa que corrompe a realidade não surge do nada. O seu apelo é sempre baseado em algum alicerce como, por exemplo, seletos episódios de memória coletiva e experiências do passado, mesmo que estes sejam equivocados ou mutilados, apelando para a nostalgia de um passado fantasioso e idealizado, para qual a sociedade deveria retornar. Exemplos dessa recordação coletiva e desejo da volta de “tempos melhores” são as incontáveis manifestações pelo retorno da ditadura militar¹³ no Brasil entre 2013 e 2023, ou

¹³ Refere-se à Ditadura Civil-Militar Brasileira de 1964.

como o famigerado *slogan* de Donald Trump durante sua campanha à presidência dos Estados Unidos em 2016: “*Make America Great Again*”¹⁴.

A memória possui um papel muito importante na criação e na propagação dos discursos da pós-verdade, já que a interpretação do passado está, muitas vezes, acompanhada das problemáticas encontradas no presente. O passado transforma-se em memória coletiva após ter sido reinterpretado segundo as presentes sensibilidades culturais, as interrogações éticas e as conveniências políticas, também sendo amplificadas pelas redes sociais e regida pelos poderes políticos (Traverso, 2012). Portanto, a memória é uma construção desenvolvida pelas reflexões posteriores aos acontecimentos, que reeditam a recordação e, para os grupos inseridos no meio da pós-verdade, não é a memória de um evento que está preservada, mas uma narrativa individual que incentiva a imaginação da memória, que transfere um passado idealizado para o presente (Ravveduto, 2022).

De acordo com Cosentino (2020), as transformações culturais, sociais e tecnológicas que acompanharam a popularização das redes sociais resultaram em uma explosão de diferentes abordagens, ideias e valores dentro do *mainstream*, que em um passado recente só operavam nas margens do discurso político, relegados à esfera privada e até mesmo em espaços secretos ou proibido. Ainda segundo o autor citado (2020, p. 26-27, tradução nossa¹⁵):

Discurso de ódio, tropos nacionalistas, insultos nativistas e racistas, proferidos tanto em tom de brincadeira — pelo simples prazer da provocação — quanto com a intenção deliberada de incitar, propagam-se dos recantos da Internet para ocupar o centro das conversas públicas. O “trollar”, tornou-se um novo gênero de discurso político, impulsionado pelos incentivos à viralidade e popularidade das redes sociais [...] A comunidade alt-right e suas mídias desempenharam um papel significativo no surgimento da condição pós-verdade.

De acordo com o historiador Louie Dean Valencia-García, uma tendência nova entre a *alt-right*¹⁶ é a fabricação de histórias “alternativas” construídas a partir de narrativas políticas paralelas à realidade, utilizada para debilitar o liberalismo e legitimar seus discursos. Os

¹⁴ Em uma tradução livre, pode significar “Torne a América Grande Novamente”. O objetivo da frase é enfatizar que o objetivo do governo de Trump era o de “restaurar a grandeza de outrora” dos Estados Unidos, utilizando uma memória coletiva fantasiosa e evocando o “espírito” nacionalista de parte da população.

¹⁵ Trecho na língua original: “Hate speech, nationalistic tropes, nativist and racist slurs, uttered either in jest—for the sake of the lulz—or to provoke intentionally, spread from the fringes of the Internet to occupy the center of public conversations. Trolling as a new genre of political speech, promoted by the virality and popularity incentives of social media [...] The alt-right community and its media have played a significant role in the advent of the post-truth condition.”

¹⁶ *Alt-Right*, ou Direita Alternativa, é um movimento ultranacionalista de direita organizado majoritariamente em ambientes virtuais, que emergiu nos Estados Unidos na década de 2010. Os membros da *alt-right* são caracterizados pelo amplo campo de ideologias de direita, como nacionalismo, anti-globalismo e oposição ao politicamente correto.

criadores de histórias alternativas usam o tradicionalismo enquanto antítese da modernidade e das novas movimentações culturais, vistas enquanto nefastas e degenerativas. Nessa “união contra a modernidade”, defendem que a história está no seu ponto mais baixo e precisa ser reiniciada, uma tentativa de supremacistas brancos de acelerar uma inevitável guerra racial, que motivaram os massacres em Christchurch, na Nova Zelândia¹⁷ e em El Paso, nos Estados Unidos¹⁸ (Valencia-Garcia, 2020, p 20).

Alt-histories são criadas baseadas em negacionismos, crenças de uma história cíclica, narrativas de declínio da sociedade, mitologização dos fatos, nostalgia de um passado imaginado, a-historicismo baseado na mentira, história fragmentada ou enviesada, entre muitas outras crenças desconexas da realidade. Essa reescrita tendenciosa do passado permite ao membro da *alt-right* alterar a história, legitimando seus discursos racistas, sexistas, etnocêntricos, nacionalistas e heteronormativos (Valencia-Garcia, 2020). As *alt-histories* não são reinterpretações do passado, mas distorções intencionais que legitimam ações do presente a partir do passado. É o presente imposto no passado que tenta justificar o presente, que fabrica uma história alternativa e cria uma memória coletiva fictícia.

A propagação da pós-verdade está cada vez mais centrada nas redes sociais, já que as mesmas evoluíram para incentivar formas estratégicas de manipulação dos cidadãos e da opinião pública. Por exemplo, o algoritmo do Twitter busca personalizar o conteúdo apresentado a um usuário com base nas suas preferências anteriores, ou seja, expõe os seus usuários a informações que reforçam suas próprias opiniões e crenças (Pariser, 2011). Essa dinâmica influencia a criação de “*echo chambers*”¹⁹, que contribuem para a disseminação de desinformações e criam um ciclo de confirmação mútua, onde o fluxo de notícias que carregam ideologias distintas da *echo chamber* é obstruído.

¹⁷ O massacre em Christchurch refere-se a um ataque terrorista ocorrido em 15 de março de 2019 na cidade de Christchurch, na Nova Zelândia. O ataque foi perpetrado por um atirador de extrema-direita, que executou 51 pessoas em duas mesquitas motivado por políticas de supremacia branca e anti-imigração. Esse massacre é muito utilizado como exemplo sobre a ascensão de ideologias extremistas na era digital, visto que o atirador era membro ativo de fóruns de extrema-direita da rede social de imagens anônimas 4chan.

¹⁸ O massacre em El Paso refere-se a um ataque terrorista ocorrido em 3 de agosto de 2019 na cidade de El Paso, nos Estados Unidos. Um atirador abriu fogo dentro de uma loja de departamentos, causando a morte de 23 pessoas. O ataque foi motivado por ideias de supremacia branca e políticas anti-imigratórias, visto a preocupação do atirador sobre uma suposta “invasão hispânica” nos Estados Unidos.

¹⁹ Uma *Echo Chamber* é um ambiente onde a pessoa só encontra informações e opiniões que refletem e reforçam as suas próprias percepções sobre a realidade. Elas podem gerar desinformação e distorcer a capacidade de uma pessoa de considerar pontos-de-vista diferentes e debater com oposições. No livro “*Constructed Truths*”, Thomas Zoglauer comenta que, em *echo chambers*, o fluxo de informações é direcionado e manipulado através de interações sociais que excluem influências externas.

Em 2022, o historiador norte-americano Jason Steinhauer avaliou uma nova tendência nas redes sociais: as *e-history*. As *e-history* são produtos de mídia que carregam algum elemento do passado, tendo como objetivos principais o consumo do público e ganho de visibilidade. Esses conteúdos ganham legitimidade nas redes sociais pelo grande número de visualizações, boa qualidade de imagem, edições bem-feitas e pela capacidade de fisgar a atenção dos usuários. Eles podem ser vídeos do YouTube, *threads* do Twitter, podcasts, páginas do Wikipédia, blogs, fóruns, entre diversas outras formas de comunicação na *web*. A questão é que a popularidade alcançada pela maior parte dessas obras está vinculada com algoritmos, relevância com o ciclo de notícia (exemplificado pelo método da história *on-demand*, onde conteúdos de história são fabricados e publicados a partir de demandas e novidades pertinentes), política, motivações comerciais, ou seja, não por méritos factuais e acadêmicos.

A aparência bem-feita e profissional, assim como a habilidade de entreter de forma rápida, seduz o cidadão comum interessado em história, enquanto o campo da história acadêmica, onde as pesquisas são feitas lentamente (já que exigem diversas camadas técnicas) passa a ser percebido como antiquado e obsoleto, já que vai na contramão da dinâmica apressada das redes sociais. Na *web*, o criador de conteúdo não precisa de camadas técnicas ou autoridade acadêmica para exprimir suas opiniões, então a precisão de um especialista não é uma necessidade na dinâmica de produção e consumo. A criação de conteúdo de história também é uma ferramenta de poder, já que pode ser utilizada para embasar agendas políticas, modelar uma sociedade, determinar o que é dito e lucrar a partir da expansão desses canais da *web*. Os usuários que consomem produções de história nas redes sociais se tornam presas fáceis para os comunicadores da pós-verdade, pois as ferramentas de fiscalização da veracidade dos materiais produzidos são insuficientes ou inexistentes dentro dos âmbitos digitais.

O perigo das *e-history* é que o entendimento do sucesso e qualidade parece ser baseado no número de visualizações e na percepção do grande público sobre o conteúdo, assim como grande parte desses materiais sofisticadamente produzidos sobre o passado são financiados com o intuito de lucrar e defender agendas políticas pré-estabelecidas. Steinhauer ainda afirma que as *e-history* criaram condições difíceis de comunicar história além da digital, já que elas estão tão difundidas que, para muitos usuários da *web*, a necessidade de estudar a história através de livros, palestras, aulas e profissionais da história estão ultrapassadas.

2.3 TWITTER: O ECOSISTEMA PERFEITO PARA O FLORESCIMENTO DA PÓS-VERDADE

O Twitter, rede social utilizada por Petro e Netanyahu para compartilhar os discursos que serão analisados no decorrer deste trabalho, é uma plataforma de mídia social que visa a publicação e leitura de pequenas mensagens chamadas de *tweets*, onde personalidades, empresas e usuários em geral expressam opiniões, promovem conteúdos e interagem com pessoas do mundo todo simultaneamente. No Twitter, qualquer pessoa com acesso à internet, a um *smartphone* e/ou computador, que tenha um e-mail e/ou número de celular pode se cadastrar e interagir com perfis públicos. A plataforma permite que o eleitor exponha suas ideias abertamente e crie diálogos com outros usuários, incluindo agentes políticos, tendo uma posição mais participativa no processo de fazer política.

A popularidade dessa plataforma é consequência do seu caráter em tempo real, onde notícias, discussões e eventos são informados em grande velocidade, tornando-se uma das redes favoritas de lideranças mundiais e ativistas, já que possui a capacidade de disseminar informações imediatas, propagar ideias e alcançar um público global. Segundo Ouyang e Waterman (2020, p. 2, tradução nossa²⁰):

O Twitter oferece aos presidentes uma voz que lhes permite comunicar diretamente com o público. Também lhes permite contornar o poder da imprensa (...) Donald Trump estabeleceu um novo método de comunicação presidencial. O que chamamos de "ir diretamente ao público" (ou, como o chamamos de forma inteligente, IDP) não é apenas um novo meio de comunicação, é um grande desenvolvimento no acréscimo de poder presidencial.

A prática da “presidência retórica” desempenha um papel significativo na formação da opinião pública, assim como engrandece o poder e o prestígio de líderes mundiais. Isso acontece, segundo os autores citados, porque traz a discussão e o debate de políticas diretamente para o povo e faz com que as pessoas tomem consciência da presença pessoal e da personalidade do presidente. As redes sociais provocaram profundas transformações no cenário da comunicação política. Considerando essas transformações, Carreon e Baronas (2020, p. 543) consideram novas formas de refletir sobre os discursos:

²⁰ Trecho na língua original: “Twitter provides presidents with a voice that allows them to communicate directly with the public. It also allows them to circumvent the power of the press [...] Donald Trump has established a new method of presidential communication. What we call going directly public (or as we cleverly refer to it, GDP) is not merely a new means of communication, it is a major development in the accretion of presidential power.

Considerando esse novo olhar sobre o modo de se pensar o discurso, é preciso afirmar que a forma de se fazer política se metamorfoseou, uma vez que as redes criam o efeito de proximidade entre político e cidadão, em que a relação entre ambos aparenta não ter intermediários e o último passa a ter acesso ao que parece ser a vida pessoal do primeiro.

Conforme Gainous e Wagner (2014, p. 15), “as redes sociais transferem mais poder para atores e interesses políticos [...] e 'Tweetar para o Poder' tornou-se o padrão de facto". O Twitter possibilita que a comunicação de um político com suas audiências ocorra de forma direta, sem censura e a qualquer hora do dia, controlando livremente a formação das suas narrativas.

Por ser uma plataforma em tempo real, “onde 50% dos *retweets*²¹ acontecem na primeira hora de publicação da mensagem, e 75% no primeiro dia” (Steinhauer, 2022, p. 45), a criação proposital de conteúdos que viralizam e procuram provocar o maior número de *retweets* dentro de um curto período de tempo se tornou uma estratégia popular no almejo de fisgar a aclamação pública, a atenção da mídia, o sucesso comercial e poder político. Mensagens curtas e simples, que entretêm e chocam as audiências, onde o rigor da análise dos conteúdos não é a prioridade, tornam o Twitter um ambiente perfeito para o florescimento da pós-verdade. Nesse ambiente, os usos do passado não são exceção, e estão vulneráveis a usos inadequados. De acordo com Steinhauer (2022, p. 54, tradução nossa²²):

A adição do passado viral ao universo da e-história teve mais uma consequência: o engordamento ainda maior da e-história em uma guerra competitiva de símbolos online. Enquanto os debates políticos de 2010 avançavam, a e-história se tornou uma arma potente em conflitos políticos, que poderia ser utilizada para ganhar pontos políticos ou vencer argumentos políticos. Com o aumento da velocidade dos discursos online, as redes sociais viraram um mercado competitivo de movimentações rápidas de símbolos. Em qualquer debate online, a e-história provava ser uma arma de extrema eficiência para acadêmicos e ativistas. Também foi [...] uma arma potente para agentes estrangeiros da desinformação que procuravam semear o caos e a discórdia dentro da sociedade americana.

²¹ *Retweet* é uma funcionalidade do Twitter que permite um usuário compartilhar um *tweet* publicado por outra pessoa para que seus próprios seguidores a vejam. Dessa forma, a mensagem original é propagada dentro do site, sendo visualizada por mais usuários.

²² Trecho na língua original: “The addition of the viral past into the e-history universe had one further consequence: the further fattening of e-history into a competing war of online symbols. As the political debates of the 2010s raged on, e-history became a potent weapon in broader political conflicts that could be deployed to score political points or win political arguments. As the speed of online discourse increased, the social Web became a competing marketplace of fast-moving symbols. In any given online debate, e-history could be lobbed at the opposing side to win an argument or re-frame a debate. e-history proved to be an extremely effective weapon for scholars and activists. It would also [...] be a potent weapon for foreign disinformation agents seeking to sow chaos and discord within American society.”

Com esse efeito, a história nas redes sociais foi corrompida de mais de uma maneira. Agentes da desinformação utilizaram a história para defender suas agendas políticas e causar caos nas redes sociais, enquanto outra parcela da população, incluindo acadêmicos e ativistas, utilizaram a história enquanto símbolos de forma ostentosa para vencer argumentos a partir da prática de “*truth telling*”²³.

Para Steinhauer (2022), plataformas como Twitter tendem a criar grupos de pessoas com ideias semelhantes, sendo os laços entre elas forjados pelos interesses em comum. Grupos espalham informação para outros grupos, que se desloca com rapidez, viraliza e causa grande engajamento do público. Como vimos antes, essa dinâmica de popularidade se confunde com qualidade, fazendo com que os comunicadores ganhem aspectos de credibilidade enquanto fontes confiáveis de informação. A viralização nas redes garante aos comunicadores ofertas comerciais e políticas, onde a influência se torna autoridade, resultando em um caminho para o poder.

Possivelmente o melhor exemplo de um usuário do Twitter que viralizou realizando comentários carregados de desinformação, inclusive fazendo usos do passado nas suas narrativas, está na figura de Donald Trump. Seus *tweets*, propositalmente inflamatórios, despertavam a atenção e indignação nas audiências. A partir de 2011, Trump arrumou brigas com a comediantes Rosie O'Donnell, lançou ataques à China e ao Irã, subscreveu teorias conspiratórias sobre o aquecimento global, incendiou o movimento *Birther*, entre muitas outras alegações infundadas (Steinhauer, 2022). Seus discursos eram projetados para polemizar e viralizar, atraindo cobertura midiática, comentários de incentivo de apoiadores e de indignação de críticos. Trump, que tinha cerca de 12 milhões de seguidores no Twitter quando eleito²⁴ em 2016, recorreu a uma estratégia inusitada para contornar o fluxo de informações das mídias tradicionais: a partir de seus *tweets*, duvidava e negava qualquer acusação ou crítica opositora, alegando imparcialidade, falsidade e incompetência das redes midiáticas americanas. Ao mesmo tempo, compartilhava em seu perfil notícias próprias e de entidades aliadas à sua campanha, como a Fox News²⁵, alegando que as verdadeiras notícias,

²³ *Truth Telling* é a prática de comunicar a verdade sem enganação ou falsidade em tratamentos paliativos. Interpretamos que, sem embasamentos sólidos, essa prática pode ser perigosa no campo da história, pois tende a suprimir a complexidade dentro da pesquisa histórica. Historiadores também têm que estar cientes sobre as limitações do conhecimento histórico.

²⁴ Statista. **Number of Twitter followers of 2016 U.S. presidential candidates as of September, 2016.** Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/509579/twitter-followers-of-2016-us-presidential-candidates/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

²⁵ Exame. **Facebook e Twitter discutem seu papel na vitória de Trump.** Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/facebook-e-twitter-discutem-seu-papel-na-vitoria-de-trump/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

que não eram manipuladas pelas “mídias democratas”, estavam sendo compartilhadas no seu perfil. A consequência dessas ações foi a criação de uma *echo chamber*, ambiente favorito dos comunicadores da pós-verdade. Portanto, podemos observar que o uso das redes sociais por autoridades mundiais enquanto uma forma de comunicação direta com seus apoiadores e com a população em geral não é nenhuma novidade, assim como fazem uso dessa prática para angariar o apoio do público através de narrativas e reedições do passado.

A viralização de pós-verdades nas redes sociais também pode ser consequência da espetacularização da cultura midiática, onde a polêmica e o conflito tornam-se formas de entretenimento que, fundido a valores políticos, ganham destaque nas mídias. Parte dos debates e narrativas partem daqueles que chamamos ironicamente aqui de “especialistas ocasionais”, pessoas desprovidas de qualquer autoridade ou compreensão profunda sobre qualquer assunto, que sentem satisfação em argumentar suas opiniões infundadas de polêmica em polêmica. A *e-history* no Twitter, quando criada por leigos sem compromisso ou interesse com a pesquisa histórica, repete essa mesma dinâmica de espetáculo: romantizada, discrepante, emocional, episódica e com conflitos em sua essência. O que cabe aos historiadores é guiar e direcionar o público sobre os usos e abusos do passado.

2.4 METODOLOGIA: ANÁLISE DE DISCURSO

Para dar continuidade ao trabalho, pretendemos neste subcapítulo explicar brevemente os princípios de análise, conceitos e principais ideias por trás da metodologia escolhida para a análise das fontes.

Durante o processo de levantamento de trabalhos que investigam discursos, redes sociais e o Twitter, percebemos diversos métodos possíveis para analisar esse tipo de fonte, como Análise de Conteúdo, Teoria da Escola de Copenhague, Análise de Sentimentos, Métodos Psicométricos, Análise de Discurso, etc. Na maior parte das dissertações, teses e artigos examinados que fazem análises de *tweets*, os investigadores executam a coleta de uma grande quantidade de discursos e fazem uso de *softwares* que compilam dados, resultando em uma análise mais quantitativa das fontes. Como vamos trabalhar com um número limitado de *tweets*, optamos por utilizar o método da Análise de Discurso (AD), já que se trata de uma abordagem qualitativa na investigação das fontes, ou seja, mais apropriada para alcançarmos os objetivos propostos anteriormente.

A Análise de Discurso (AD) como método de pesquisa nas ciências humanas é uma das maneiras com que um pesquisador consegue problematizar a linguagem. Ela procura entender como o discurso foi estruturado, quem são os interlocutores, a produção dos sentidos, etc. A etimologia da palavra “discurso” vem do termo em latim *discursus*, participípio passado de *discurrere*, que significa “correr para fora” ou “correr ao redor”. Portanto, o discurso representa a ideia de seguir um curso, de percurso, de movimento, ou seja, é a palavra em movimento (Orlandi, 2001).

Na academia, o discurso é um conceito estudado com maior profundidade, principalmente nos campos da comunicação e da linguagem, no qual é amparado por complexos aparatos teóricos que permitem ao investigador construir análises de símbolos, sentidos e possibilidades através de enunciados ou textos. O ponto comum entre as diversas abordagens da AD é que todas concebem o **sentido** como um produto de práticas sociais. Em outras palavras, o sentido não deve ser interpretado como uma propriedade intrínseca das expressões ou textos. Pelo contrário, ele surge do uso da linguagem em contextos específicos. Para adquirir algum sentido para alguém, os textos precisam ser contextualizados. Portanto, para os analistas de discursos, o sentido é uma construção frágil e contestada dos participantes do discurso (Angermuller; Maingueneau; Wodak, 2014).

Seguiremos a linha da escola francesa da AD, que procura compreender o discurso como narrativas que remetem a “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (Foucault, 2008).

Entre os principais conceitos do dispositivo metodológico da AD está o dialogismo. De acordo com Bakhtin (1986), a linguagem é constitutivamente dialógica, já que ela não existe sem interação, em que a palavra é orientada para um sujeito que existe em uma relação social com o locutor. O Twitter oferece uma comunicação direta e sem censura do interlocutor com as suas audiências, permitindo a livre exposição de ideias e o estabelecimento de diálogos entre ambas partes. Essa dinâmica também explica a consolidação de *echo chambers* dentro da plataforma.

O dialogismo representa a relação entre discursos (interdiscursividade) e a relação entre sujeitos (intersubjetividade). A intersubjetividade diz respeito à relação entre sujeitos, onde o texto é uma materialidade discursiva em potência, concretizada a partir da produção de sentidos por um sujeito que enuncia ou interpreta. A interdiscursividade explica que todo

discurso é uma reconfiguração daquilo que já foi falado, também é conhecida no campo como “memória discursiva” (Benetti, 2016).

Segundo Pêcheux (2014), temos como distinguir duas formas de “esquecimento” dentro do discurso. O esquecimento número dois, que acontece quando, ao falarmos, escolhemos a forma de fazê-lo e descartamos outras. Por exemplo, ao falarmos “livremente”, podemos ao invés disso falar “com liberdade” ou “sem amarras”, ou seja, formamos micro-decisões, mesmo que de forma inconsciente. Acredita-se que essas escolhas têm relações diretas com o pensamento, a linguagem e o mundo, significando que o modo de dizer não é indiferente aos sentidos.

O esquecimento número um é chamado de esquecimento ideológico, que é inconsciente e resulta do modo que somos afetados por nossas ideologias. Esse esquecimento provoca a ilusão de que o sujeito do discurso é autor das próprias ideias, esquecendo a historicidade e os discursos previamente proferidos que contextualizam a sua fala (Orlandi, 2001).

Dentro do campo do discurso, a memória e suas características são tratadas como interdiscurso. A memória discursiva é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (Orlandi, 2001, p. 31). O interdiscurso remete a formações discursivas que não são politicamente neutras, visto seu caráter histórico e ideológico. Portanto, nenhum discurso, notícia ou informação é invulnerável a posicionamentos políticos, sendo gerado e intensificado pela memória que, como relatado anteriormente neste trabalho, possui um papel muito importante na criação e na propagação dos discursos da pós-verdade, já que a interpretação do passado está, muitas vezes, acompanhada das problemáticas encontradas no presente. De acordo com a jornalista Marcia Benetti (2016, p. 236):

O discurso acontece no espaço entre os sujeitos, e por isso ele é efeito de sentidos entre interlocutores. Não existe um sentido literal residindo no texto. Existe uma materialidade textual que carrega sentidos potenciais, e os sentidos são produzidos na relação intersubjetiva. Há tantas possibilidades de leituras de um texto porque este é sempre feito de “falhas” e “equivocos”. A linguagem não é transparente, e sim opaca, pois seu funcionamento não é evidente para os sujeitos que a utilizam. Ao contrário, seu funcionamento é profundamente complexo, ideológico e enraizado na história – uma história que é de conflito, luta, divergência e dominação, e tudo isso constrói a linguagem e as significações.

Se um discurso é o efeito de sentidos entre interlocutores, então a AD também parte da prática de interpretação textual e o ambiente em que está introduzido também é relevante para

o processo de análise. A historiadora brasileira Núncia Constantino (2002) defende e destaca a adaptação da AD à pesquisa histórica, principalmente citando a adequação magistral do método nos trabalhos do historiador italiano Carlo Ginzburg, que vinculou a AD ao conceito do paradigma indiciário e aos seus estudos da micro-história. Na Era Digital, o historiador público precisa adaptar suas metodologias para poder encaixar suas pesquisas com a realidade das redes sociais.

Ao refletirmos sobre as características gerais do Twitter, percebemos que existe uma dualidade entre formal e informal no gênero de discurso que analisaremos, “*posts* do Twitter”, onde os tipos de discurso variam por usuário e assunto abordado. O *corpus* de análise desta pesquisa foi formado por *tweets* disponíveis nos perfis de Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro do Estado de Israel, e Gustavo Petro, presidente da República da Colômbia, publicados entre os dias 7 de outubro de 2023 e 24 de novembro de 2023, coletados por meio digital na plataforma Twitter. Neste período, examinamos todos *tweets* publicados por ambos líderes e foram selecionados aqueles em que observamos elementos e símbolos que remetem a memória do nazismo, do Holocausto e demais conceitos empregados dentro do contexto da Segunda Guerra Mundial.

3 ANÁLISE DO *CORPUS* DOCUMENTAL: “A NOVA VERSÃO DO NAZISMO”

Neste capítulo, analisaremos os *tweets* do primeiro-ministro do Estado de Israel, Benjamin Netanyahu e do presidente da República da Colômbia, Gustavo Petro, que comparam aspectos da Guerra Israel-Hamas de 2023 com elementos do nazismo, postados no Twitter entre os dias 7 de outubro de 2023 e 24 de novembro de 2023. Como esses *tweets* foram redigidos em línguas estrangeiras, como hebraico, inglês e espanhol, utilizamos três ferramentas e aplicativos diferentes para realizar a tradução dos textos: o *Google Tradutor*, o *Tradutor DeepL* e o *Microsoft Translator*. Ao perceber a similaridade entre as traduções das fontes, optamos por utilizar os textos da primeira ferramenta neste trabalho. A partir do *corpus* selecionado, produziremos sentidos a partir dos *tweets* analisados, amparado pelo aparato teórico-metodológico levantado nos capítulos anteriores para a compreensão textual, levantando hipóteses e possibilidades.

O primeiro passo no processo de análise das fontes foi a leitura de todos os *tweets* postados entre os dias 7 de outubro de 2023 e 24 de novembro de 2023 por Netanyahu e Petro. Esse processo nos possibilitou averiguar conceitos que faziam alguma referência com o nazismo e, subsequentemente, buscamos separar estes elementos em categorias de análise que apresentavam semelhanças discursivas nas narrativas. As categorias de análise foram divididas em: **nazismo e Holocausto**. A categoria **nazismo** diz respeito a símbolos, datas e conceitos que remetem à Alemanha Nazista (1933-1945), ao nazismo *per se* enquanto ideologia e caracterizado pela figura do ditador alemão Adolf Hitler.

3.1 BENJAMIN NETANYAHU

O primeiro *tweet* analisado do primeiro-ministro de Israel, Benjamin “Bibi” Netanyahu, é a transcrição de um pronunciamento público realizado no palácio da *Knesset*, a assembleia legislativa unicameral de Israel, no dia 16 de outubro de 2023. No discurso, Netanyahu expressa a determinação em alcançar uma vitória decisiva contra o Hamas e eliminar essa ameaça ao Estado de Israel. Ele destaca desafios, menciona eventos trágicos que ocorreram nos nove primeiros dias de guerra e faz um apelo à solidariedade internacional:

Figura 1 – Comparações entre o nazismo e o Hamas. Disponível em: <<https://twitter.com/netanyahu/status/1714028480751362488>>



Neste *tweet*, dois elementos na narrativa chamam a atenção: as comparações entre o Hamas e o **nazismo** e a convocação de uma união mundial, já que ambas informações parecem estar refletindo aspectos do passado no presente. Ao comparar o Hamas com o nazismo, Netanyahu pode estar buscando enfatizar a gravidade da ameaça percebida, já que o

nazismo foi responsável pelo Holocausto²⁶, que ceifou a vida de cerca de 6 milhões de judeus durante os eventos da Segunda Guerra Mundial (Elias, 1997). Ao utilizar o termo “nazismo”, o primeiro-ministro de Israel possivelmente está utilizando de uma estratégia retórica que busca condenar o Hamas e sensibilizar a comunidade internacional no apoio ao Estado de Israel na guerra. Essa procura pelo apoio internacional também aparece na frase “*E tal como o mundo se uniu para derrotar os nazis [...], o mundo deve unir-se para derrotar o Hamas [...]*”, já que interpretamos que a “união” citada é uma referência aos Aliados da Segunda Guerra Mundial²⁷. Ainda neste *tweet*, Bibi cita que a guerra com o Hamas é a “*luta entre o povo da luz e o povo das trevas*”, evocando elementos da filosofia religiosa maniqueísta no seu discurso, destacando que Israel e seus aliados representam o *bem* e seus oponentes inevitavelmente representam o *mal*.

Considerando os apontamentos de Orlandi (2001) sobre o dialogismo, a intersubjetividade da narrativa de Netanyahu reconfigura a memória discursiva do nazismo e a emprega numa comparação com o Hamas. Segundo Ravveduto (2022), no meio da pós-verdade, não é a memória de um evento que está preservada, mas uma narrativa individual que incentiva a imaginação da memória, que transfere um passado idealizado para o presente. No discurso de Bibi, uma lógica semelhante é empregada, onde o passado traumatizador é evocado para idealizar o presente.

As comparações entre o Hamas e o nazismo, assim como o apelo ao apoio da comunidade internacional, reaparecem em um outro *tweet*, publicado no dia 19 de outubro de 2023. Nesta manifestação, o primeiro-ministro de Israel compartilhou uma foto em que se encontra ao lado do primeiro-ministro britânico Rishi Sunak, destacando sua visita a Jerusalém e agradecendo o apoio britânico na guerra:

Figura 2 – Encontro de Netanyahu com Rishi Sunak. Disponível em: <https://twitter.com/netanyahu/status/1714972852661657868>

²⁶ O Holocausto foi o genocídio sistemático do povo judaico motivado pelo processo de “limpeza racial” e da destruição de grupos humanos percebidos pelos nazistas enquanto “inferiores”, como o povo judeu, durante os eventos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

²⁷ A “Aliança da Segunda Guerra Mundial”, ou “Aliados”, foi uma aliança de países que se opuseram ao Eixo e ao nazismo nos eventos da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).



Novamente podemos perceber uma analogia direta que caracteriza o Hamas como os “*novos nazis*”, assim como a evocação da memória da Aliança é reintroduzida na frase “*há oitenta anos, o mundo civilizado apoiou a Grã-Bretanha na sua hora mais sombria*”. Um novo elemento na narrativa que parece remeter a memória do nazismo e da Segunda Guerra Mundial é destacado pela frase “*Esta é a nossa hora mais sombria*”. Interpretamos que esta refere-se a famosa frase “*The Darkest Hour*”, expressão que remete ao período inicial da Segunda Guerra, aproximadamente entre meados de 1940 e 1941, amplamente (e falsamente) atribuída a figura de Winston Churchill²⁸. *Darkest Hour* (2017), também é o título de um aclamado filme biográfico sobre Winston Churchill, que retrata a recusa do primeiro-ministro britânico em buscar um tratado de paz com a Alemanha Nazista em meio ao seu avanço na Europa Ocidental. De acordo com Pêcheux (2014), o esquecimento número dois provoca a escolha da forma de proferir um discurso, descartamos outras. É possível que a expressão

²⁸ Winston Churchill (1874 - 1965) foi um político e estadista britânico, conhecido por seu papel como primeiro-ministro da Grã-Bretanha durante os eventos da Segunda Guerra Mundial.

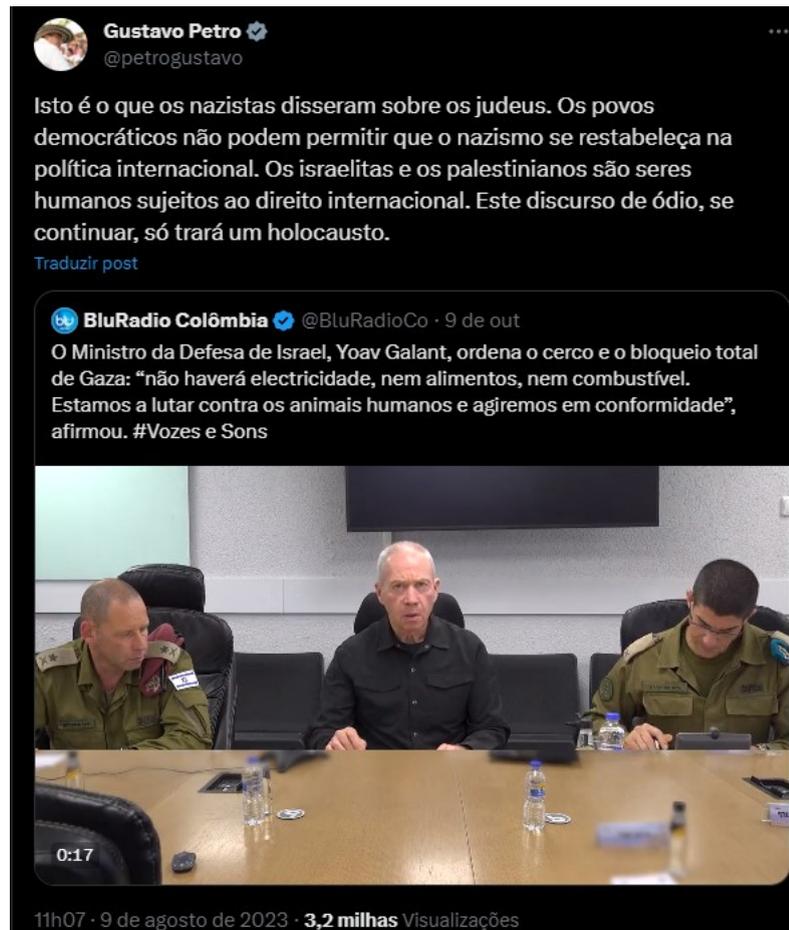
tenha sido usada intencionalmente dado ao seu contexto, já que Bibi estava conversando com o atual primeiro-ministro da Grã-Bretanha, cargo que fora ocupado por Churchill durante a guerra contra o nazismo. A dualidade maniqueísta também é reintroduzida por “*hora mais sombria*”, reforçando o discurso anterior que afirmava que os israelenses, representados pela luz, lutavam contra o “*povo das trevas*”.

O maniqueísmo empregado na retórica cria a lógica de uma dualidade entre “bem” e “mal”, que estabelece símbolos e simplifica os discursos para o consumo das audiências. Essa estratégia relembra as palavras de Zoglauer (2023), no qual o autor afirma que a pós-verdade é uma forma de sinalização muito utilizada para atrair audiências.

3.2 GUSTAVO PETRO

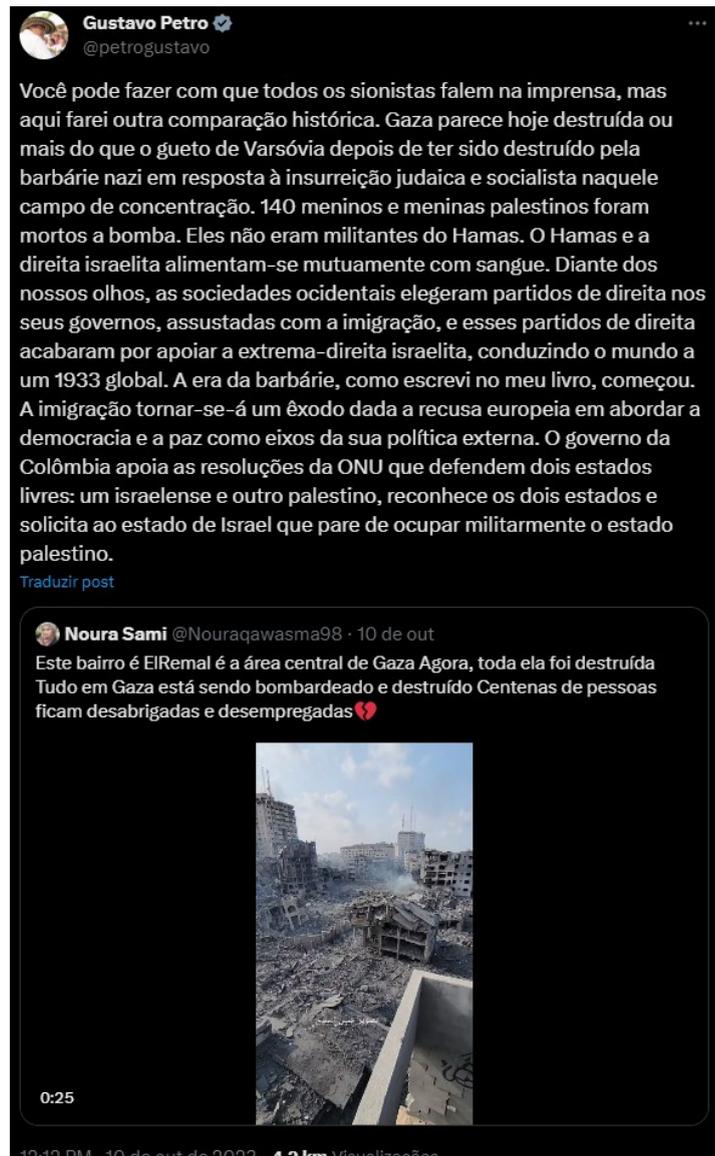
No dia 9 de outubro de 2023, o ministro da defesa do Estado de Israel, Yoav Galant, ordenou o cerco à Faixa de Gaza, bloqueando o acesso de alimentos, combustíveis e energia elétrica no território palestino, comparando seus oponentes a “*animais humanos*”. Na sua página pessoal do Twitter, Gustavo Petro, presidente da República da Colômbia, comentou essa declaração:

Figura 3 – Petro sobre as declarações de Yoav Galant. Disponível em: <https://twitter.com/petrogustavo/status/1711382918877032732>



Petro parece expressar uma forte condenação à ordem e comentários realizados pelo ministro israelense, efetuando uma comparação direta com a retórica antissemita durante o regime nazista na Alemanha. Ao mencionar que “*Isto é o que os nazistas disseram sobre os judeus*”, Petro potencialmente sugere que as medidas e discursos tomadas pelas lideranças de Israel contra a Faixa de Gaza são similares às políticas discriminatórias e desumanizantes do **nazismo**, enfatizando que a escalada desses discursos poderão resultar em um novo **Holocausto**. Em um segundo *tweet*, publicado no dia 10 de outubro de 2023, Petro reage e responde a um vídeo que mostra a destruição no centro de Gaza após bombardeios:

Figura 4 – Destruição no centro de Gaza e o Gueto de Varsóvia. Disponível em: <https://twitter.com/petrogustavo/status/1711761746828861616>



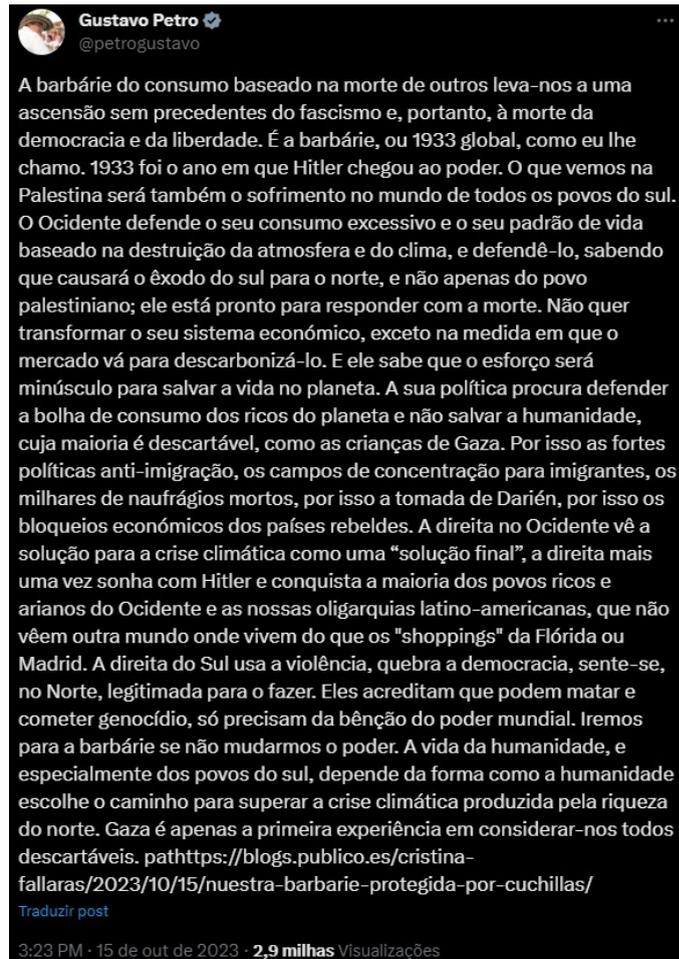
Muitos elementos chamam a atenção nessa declaração, como a comparação entre a Faixa de Gaza e o **Gueto de Varsóvia**²⁹ e a evocação do ano **1933**. A frase “*Gaza parece hoje destruída ou mais do que o Gueto de Varsóvia*”, pode ser interpretada como uma forma de comparação das ações israelenses em Gaza com a destruição do Gueto de Varsóvia após o Levante de 1943³⁰. Ao mesmo tempo, Petro parece acusar partidos de direita pelo mundo de

²⁹ O Gueto de Varsóvia foi uma área estabelecida pelo regime nazista em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, onde a população judaica da cidade de Varsóvia, na Polônia, foi forçada a viver em condições sub-humanas. A criação do gueto foi uma das políticas antissemitas tomadas pelos nazistas nas suas políticas de pureza étnica, que pretendiam expulsar e exterminar as comunidades judaicas residentes no continente europeu.

³⁰ O Levante do Gueto de Varsóvia foi uma tentativa de resistência por parte da comunidade judaica contra a ocupação nazista dentro do Gueto em 1943. A revolta resultou na derrota dos que se opuseram ao regime nazista, acarretando na execução de milhares de civis. Após o levante, Hitler ordenou a destruição completa do gueto.

apoiar Israel e conduzir o planeta para um “1933 global”. A expressão *1933 global* aparece em outros dois *tweets* do presidente:

Figura 5 – O 1933 global e a barbárie do consumo. Disponível em: <https://twitter.com/petrogustavo/status/1713621633812791383>



E também:

Figura 6 – O 1933 global e a destruição da democracia e da liberdade. Disponível em: <https://twitter.com/petrogustavo/status/1713239797915865127>

 **Gustavo Petro** 
@petrogustavo

Difícilmente existe uma única figura de arte que hoje não esteja disposta a acabar com a barbárie. Daniel Barenboim explica isso claramente. A barbárie global, ou 1933 global, 1933 foi o ano em que Hitler chegou ao poder na Alemanha, pode destruir todos os vestígios de democracia e liberdade. Quando denunciei o massacre paramilitar em meu próprio nome e mostrei a capacidade de setores do Estado e da política em assassinar o seu próprio povo, fui permanentemente acusado de ser um militante das FARC. Houve pessoas nas ruas que me insultaram por isso na frente dos meus próprios filhos. Eram pessoas construídas pelo ódio desencadeado pelos poderes políticos e midiáticos. Fecharam os ouvidos às palavras que falavam da morte de centenas de milhares de colombianos assassinados e até aplaudiram que seriam assassinados. Os mortos eram humildes, não tinham importância para eles. Aquela cultura de morte que vimos com o paramilitarismo também está no mundo. A era da barbárie começou. Assim como o fentanil se espalha, o mesmo acontece com os aplausos pela morte. Proíbem manifestações, censuram a imprensa, pressionam os poderes políticos para os silenciar, para que aplaudimos a morte desencadeada sobre o que há de mais sagrado e inocente: a infância. Agora aplaudimos Herodes e não choramos pelas crianças quebradas. Bombardear crianças tornou-se uma prática de guerra; Na Colômbia chegaram a dizer que eram máquinas de guerra para legitimar o seu assassinato. Os tempos da barbárie são os tempos da crise climática. Uma liderança mundial incapaz decidiu usar o pouco tempo que temos para salvar a espécie e a vida, bombardeando milhares de crianças. Se eles falam sobre o mal, isso é mal. Perdendo o tempo irredimível da vida. Dizem que apoio o Hamas, como disseram anteriormente que apoiei as FARC. O Hamas é uma invenção da Mossad para dividir o povo palestino e ter a desculpa de puni-lo. O terrorismo, como disse Habermas, como toda violência, é a ausência de comunicação. Substituir o diálogo entre povos dignos e substituí-lo pelo puro apartheid e pela repressão apenas cria um terrorismo desesperado e assassino. O fim do terrorismo é um só: abrir as vias de comunicação entre os povos, mas o que eles realmente querem é expulsar o povo palestino da sua antiga terra e destruí-la. O que vemos é uma “ratzia”: . Aprendi com o povo judeu que, em qualquer lugar e época, devemos nos opor à destruição de pessoas.

[Traduzir post](#)

 **EL PAÍS**  @o.pais · 14 de out

Opinião | “Embora não haja justificativa para os atos bárbaros do Hamas, a única saída do conflito palestino-israelense será sem força armada ou ocupação. Nossa mensagem de paz deve ser mais forte do que nunca”, por Daniel Barenboim <https://elpais.com/internacional/> ...

2:06 PM · 14 de out de 2023 · **2,9 milhas** Visualizações

Ou seja, a expressão *1933 global* para Petro representa o ano em que Hitler chegou ao poder da Alemanha. Interpretamos que a sinalização de que “*partidos de direita estão apoiando a extrema-direita israelense, conduzindo o mundo a um 1933 global*”, significa a previsão, ou pelo menos uma preocupação, de que barbáries mundiais similares às causadas

pelos nazistas, que ameaçam a democracia e a liberdade, estão em percurso. Quando avaliamos que todo discurso é a interação social de um sujeito com um interlocutor (Bakhtin, 1986), podemos pensar que essas comparações feitas por Petro provocam a comoção e indignação do seu público-alvo, já que o nazismo representa uma das ideologias mais nefastas da história. Por meio do emprego desses conceitos, o presidente da Colômbia efetua comparações descontextualizadas que escanteiam a razão e apelam para os sentimentos, com o objetivo de emocionar e reforçar certos valores, perspectivas e interpretações da realidade (Zoglauer, 2023). Essas são metodologias empregadas por agentes da pós-verdade.

Petro constrói mais uma analogia com elementos do nazismo neste *tweet* publicado no dia 16 de outubro de 2023, ao comentar uma informação sobre o número de baixas palestinas na guerra entre Israel e Hamas:

Figura 7 – Petro, o povo eleito e a ressurreição de Hitler. Disponível em: <https://twitter.com/petrogustavo/status/1713918820291657944>



Gustavo Petro ✓
@petrogustavo

Há 1.030 meninos e meninas assassinados na Palestina. A barbárie. A cada 15 minutos uma criança é assassinada na terra onde surgiu uma religião baseada no amor. Na Colômbia, 350 crianças foram mortas em bombardeamentos neste século e 6.402 jovens desarmados foram assassinados em apenas alguns anos. Muitos dos que hoje se consideram membros daquela religião do amor já não defendem as crianças em perigo, mas sim Herodes libertados. Fui acusado de ser antissemita e de apoiar o Hamas. Ignorante. Não posso defender uma organização que apoia a fusão entre Religião e Estado porque lutamos contra isso no nosso próprio país, e porque a visão daqueles que acreditam ser o povo eleito e a raça superior leva ao massacre de outros povos. Nem eu, nem meus pais e avós biológicos ou ideológicos estivemos com Hitler como se a oligarquia e a imprensa que me ataca o fizessem. Estão ressuscitando Hitler em tempos de crise climática e ele volta idêntico com seus campos de concentração e a destruição total das cidades. Hitler renasce como uma prática de poder político e econômico sobre a própria divisão da humanidade, sobre as suas fraquezas e medos. O medo de ser diferente é o pai de Hitler. É o medo de ser diferente que faz o poder político da Europa aplaudir a expulsão dos palestinos para o sul. Ele se oporia com armas nos dentes se a expulsão fosse para o norte. A democracia ainda tem sua chance. Essa oportunidade se apegua à paz, se apegua à vida da humanidade e do planeta. Aquela vida integral do homem e da natureza que não pode ser defendida senão através da unidade das diferenças. A exigência de diferença mata Hitler. A democracia global é a voz poderosa do Sul que se faz ouvir. Os povos condenados da terra estão ao sul e devem gritar hoje porque na tempestade desencadeada por uma atmosfera danificada pelos gases provenientes do enorme consumo do norte e das suas riquezas, eles podem perecer. O consumo de riqueza de hoje baseia-se na morte de outros e só cresce se aumentar a indiferença e conseguir acabar com a democracia. A indiferença é o que permite aplaudir aqueles que ordenaram a morte dos nossos 6.402 jovens inocentes sob as armas do Estado e aqueles que assassinaram 1.030 crianças bombardeadas na Palestina. Hoje a Colômbia e o mundo escolhem entre a esperança e a barbárie.

[Traduzir post](#)

ECSaharai @ECSaharai_ · 16 de out

 #URGENTE | Israel matou mais de 1.030 crianças palestinas desde 7 de outubro. Uma criança é morta a cada 15 minutos em Gaza, segundo a ONU.



11h04 · 16 de agosto de 2023 · 2,5 milhas Visualizações

Dessa vez, o presidente da Colômbia evoca a figura de **Adolf Hitler**, comparando a ascensão do ditador de extrema-direita e a atual situação da política mundial, especialmente acerca dos conflitos em Gaza. O termo “*Povo eleito*”, empregado no discurso, está relacionado com a ideia fundamental da tradição judaica, que reflete as escrituras do Torá, de que Deus escolheu o povo de Israel para ser o Seu povo, destinado a cumprir propósitos divinos e herdar a terra de Canaã. Na frase “*daqueles que acreditam ser o povo eleito e a raça superior leva ao massacre de outros povos*”, interpretamos que Petro está comparando a crença do “povo eleito” com a questão do darwinismo social³¹, que fundamentou a eugenia nazista, a “limpeza social” e a retórica da “arte degenerada” (Evans, 2015). Falar que estão “*ressuscitando Hitler*” representa uma observação de que políticas e eventos similares aos da Segunda Guerra Mundial estão ocorrendo na atualidade, principalmente quando levamos em consideração o argumento previamente utilizado pelo presidente de que o mundo estaria tomando o rumo de um “*1933 global*”. A citação “*leva ao massacre dos povos*” compara os bombardeios em Gaza com o genocídio judaico, acusando Israel de executar um mal semelhante ao sofrido pelos seus antepassados nas mãos de Hitler. Por fim, o presidente da Colômbia reage e comenta sobre a manifestação pró-Palestina que aconteceu em Londres no dia 28 de outubro de 2023:

Figura 8 – Manifestações em Londres. Disponível em: <https://twitter.com/petrogustavo/status/1718434688304349684>

³¹ O Darwinismo Social é uma interpretação distorcida do processo de seleção natural de Charles Darwin, que estudou as adaptações genéticas das espécies transmitidas às gerações subsequentes. O Darwinismo Social aplica essa teoria às sociedades humanas, defendendo agendas políticas racistas e a eugenia. Segundo o historiador Richard J. Evans (2015), o Darwinismo Social era muito popular nos círculos governamentais da Alemanha Nazista, que propagavam a visão de que as relações internacionais eram determinadas por lutas entre raças.



Por “*reserva democrática que fez uma ilha parar o nazismo*”, Petro faz referência à história da resistência britânica contra o nazismo durante a Segunda Guerra Mundial. Em “*Hoje se levanta novamente contra outro Estado que mata um povo*”, comenta que os protestos pró-Palestina e anti-guerra que ocorreram em Londres dão continuidade a uma tradição do povo britânico de se levantar contra Estados que matam um povo.

O interdiscurso remete a formações discursivas que não são politicamente neutras, visto seu caráter histórico e ideológico (Orlandi, 2001). É possível que o interdiscurso de Petro produz o sentido de que as práticas do Estado de Israel na Guerra Israel-Hamas de 2023 apresentam semelhanças com aquelas cometidas pela Alemanha Nazista.

Traverso (2012) comenta que, nos discursos da pós-verdade, a memória é reinterpretada acompanhada de problemáticas do presente, que são amplificadas pelas redes sociais e regida pelos poderes políticos. As comparações de Petro não estão embasadas em qualquer fonte ou análise profunda sobre os eventos citados. Essa é uma das formas que os

agentes da pós-verdade atuam na história: com descaso na análise da realidade, direcionando o público-alvo a evocar sentimentos, despreocupados com os detalhes e oferecendo lições aparentemente simples (Mercer, 2022).

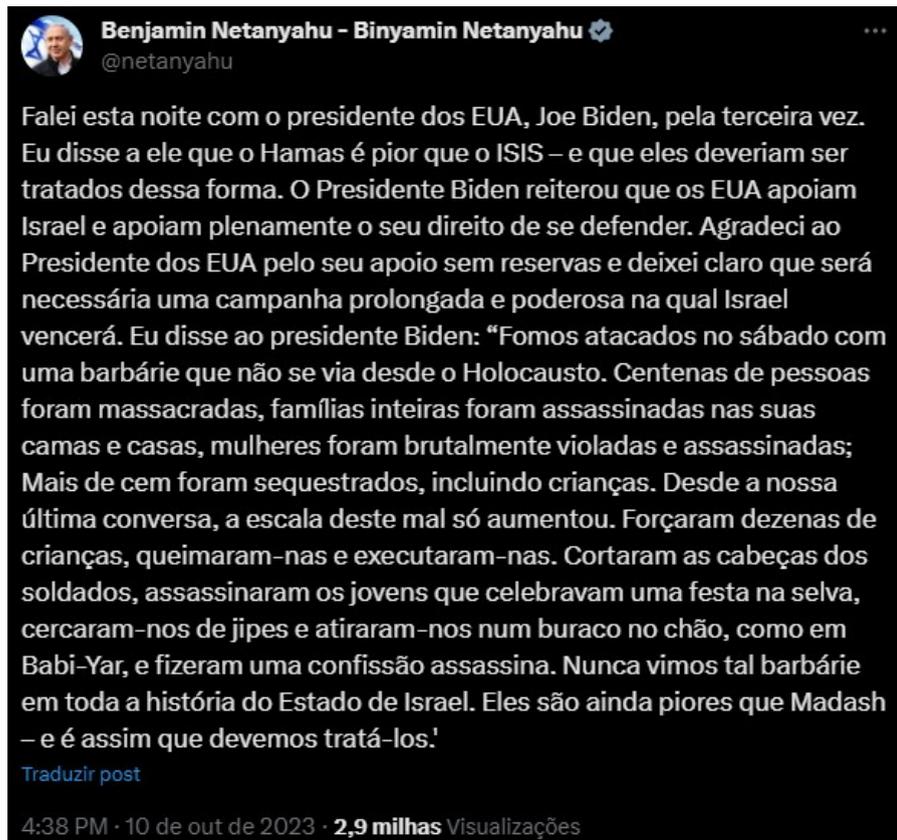
4 ANÁLISE DO *CORPUS* DOCUMENTAL: “O AUSCHWITZ COLOMBIANO”

Neste capítulo, analisaremos os *tweets* do primeiro-ministro do Estado de Israel, Benjamin Netanyahu e do presidente da República da Colômbia, Gustavo Petro, que comparam aspectos da Guerra Israel-Hamas de 2023 com elementos do Holocausto, postados no Twitter entre os dias 7 de outubro de 2023 e 24 de novembro de 2023. A categoria de análise **Holocausto** diz respeito a conceitos e símbolos como “campos de concentração”, “Babi Yar”, “solução final”, “Auschwitz” e “Holocausto”.

4.1 BENJAMIN NETANYAHU

O primeiro *tweet* analisado de Netanyahu que emprega elementos do Holocausto foi publicado no dia 10 de outubro de 2023 e retrata uma conversa entre o primeiro-ministro de Israel e o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden:

Figura 9 – Conversa de Netanyahu e Joe Biden. Disponível em: <https://twitter.com/netanyahu/status/1711828627979915511>



Netanyahu traça um paralelo entre o Holocausto e os ataques sofridos por parte dos membros do Hamas para transmitir um sentido de gravidade, urgência e responsabilidade moral para o presidente Biden, assim como para o público em geral, já que posteriormente posta a conversa em sua conta do Twitter. A decisão de compartilhar a conversa é interessante, pois possibilita a construção do diálogo com o seu público, já que o texto é uma materialidade discursiva em potência, concretizada a partir da produção de sentidos por um sujeito que enuncia ou interpreta Bakhtin (1986). As afirmações de agentes da pós-verdade não funcionam apenas como uma forma de manipular as massas. Kalpokas (2019) defende que a pós-verdade é um processo de conluio co-criado entre os interlocutores.

No mesmo *tweet*, Bibi compara similaridades entre o ataque cometido pelo Hamas no dia 7 de outubro de 2023, durante o festival “*Supernova*”³², onde cerca de 260 pessoas foram

³² BBC. **Conflito Israel-Hamas: como o massacre em “rave brasileira” se desenrolou segundo vídeos e posts verificados pelo BBC.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c72mv5ee8reo>. Acesso em: 27 de nov. 2023.

assassinadas, com as execuções na ravina de **Babi-Yar**³³, um dos capítulos mais sangrentos na história do Holocausto que ceifou a vida de cerca de 34.000 judeus.

O emprego de Netanyahu de referências históricas de memórias traumáticas justapostas nas narrativas sobre eventos do presente podem ser artifícios retóricos para evocar emoções fortes e conquistar apoio internacional e do público no percurso da guerra. A reescrita tendenciosa do passado, que traz a tona uma história fragmentada e enviesada para defender uma agenda política, relembra o *modus operandi* das *alt-right*, que fabricam *alt/histories* para legitimar ações do presente a partir do passado (Valencia-Garcia, 2020).

No dia 15 de outubro de 2023, o primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, manifestou-se sobre a Guerra Israel-Hamas de 2023, dizendo que o mundo estava presenciando o assassinato de mulheres, crianças e bebês na Faixa de Gaza, defendendo a interrupção da guerra³⁴. Netanyahu respondeu o primeiro-ministro canadense no mesmo dia através de sua conta no Twitter:

Figura 10 – Resposta de Netanyahu a Trudeau. Disponível em: <https://twitter.com/netanyahu/status/1724588372994216010>

³³ **Babi-Yar** é uma ravina na região de Kiev, na Ucrânia. Durante a Segunda Guerra Mundial, forças do exército alemão tomaram a cidade de Kiev e foram surpreendidas por explosões de bombas plantadas pelas forças de inteligência soviéticas que ocasionaram incêndios que duraram 5 dias. Indignados, o exército alemão e membros da SS vincularam as detonações das bombas com a população judaica, já que acreditavam que esses atuavam em conluio com os bolcheviques. Durante os dias 29 e 30 de setembro de 1941, as forças nazistas reuniram e transportaram aproximadamente 34.000 judeus residentes de Kiev para Babi-Yar e executaram todos em um dos maiores exemplos do antissemitismo e dos crimes de guerras efetuados pelos nazistas, se tornando um dos capítulos mais sangrentos na história do Holocausto (Evans, 2015).

³⁴ IHeartRadio. **NETANYAHU RESPONDS TO TRUDEAU ON X**. Disponível em: <https://www.iheartradio.ca/610ctb/news/netanyahu-responds-to-trudeau-on-x-1.20608597>. Acesso em: 27 de nov. 2023.



O esquecimento número dois de Pêcheux (2014) retorna a partir dessa declaração de Bibi. A micro-decisão, mesmo que inconsciente, de empregar o conceito do Holocausto na narrativa carrega dois sentidos possíveis: o de novamente desenhar um paralelo entre duas situações distintas e usar este artifício retórico para evocar emoções fortes nas audiências, assim como marco temporal e de intencidade sobre crimes violentos praticados contra comunidades judaicas. Zoglauer (2023) defende que, no fenômeno da pós-verdade, a verdade é fabricada por narrativas e as emoções provocadas na audiência tomam o lugar da historicidade. A fabricação das narrativas escanteiam a razão e apelam para os sentimentos, com o objetivo de reforçar valores e interpretações da realidade.

Dentro do recorte das fontes analisadas neste trabalho, Netanyahu escreveu apenas dois *tweets* citando elementos do Holocausto, ambos em conversas e direcionados a aliados de Israel no Ocidente.

4.2 GUSTAVO PETRO

No dia 9 de outubro de 2023, Gustavo Petro reagiu a mais um pronunciamento de Yoav Galant sobre o cerco israelense na Faixa de Gaza, no qual o ministro da defesa do Estado de Israel afirmou que não havia qualquer abertura para a entrada de água, comida e energia elétrica no território palestino:

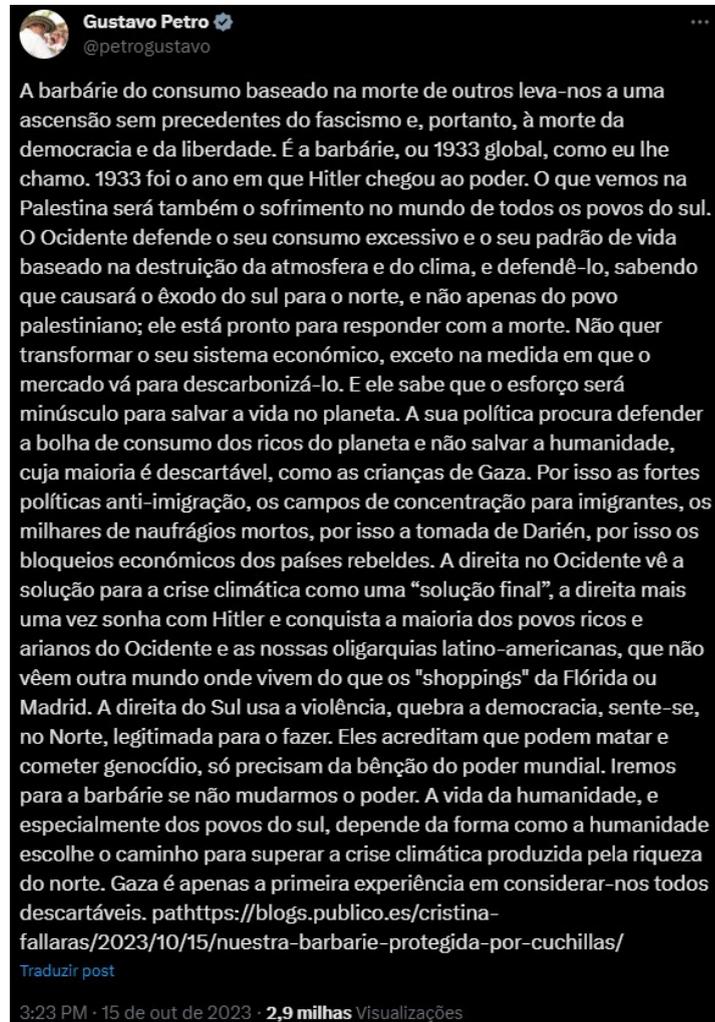
Figura 11 - Reação de Petro e os campos de concentração. Disponível em: <https://twitter.com/petrogustavo/status/1711360010939212134>



Petro compara o cerco estabelecido pelas forças israelenses com o estabelecimento de um **campo de concentração**, reiterando que a criação destes são crimes contra a humanidade. Os campos de concentração não são associados exclusivamente ao genocídio judaico durante os eventos da Segunda Guerra Mundial, e este *tweet* por si só não faz referências diretas com o Holocausto, porém, dado o contexto de todos discursos analisados até aqui, interpretamos que a escolha das palavras do presidente da Colômbia não parecem acidentais, principalmente quando consideramos o esquecimento número dois de Pechêux (2014).

No *tweet* analisado a seguir, retornamos ao texto da figura 5 deste trabalho, onde Petro reage a um artigo da revista espanhola “Público” sobre a ascensão de políticas de extrema-direita entre países membros da União Europeia, as condições humanas dos moradores da Faixa de Gaza e o apoio da UE à Israel nos esforços da guerra:

Figura 12 – A solução final e a crise climática. Disponível em: <https://twitter.com/petrogustavo/status/1713621633812791383>



Petro relaciona a questão da crise climática com a ascensão da extrema-direita na Europa e a guerra na Faixa de Gaza, prevendo que os países do Sul global encontrarão um destino similar no futuro. Vemos duas analogias interessantes nessa narrativa. Interpretamos que a “*solução final*” citada refere-se a “Solução Final da questão judaica”³⁵ na Europa. Petro sugere que o Ocidente defende seu estilo de vida consumista sabendo que contribuirá para a escalada da crise ambiental e a migração de povos do sul para os países do norte, que será confrontada por políticas autoritárias e anti-migratórias. Essa interpretação é corroborada pela

³⁵ A “Solução Final da questão judaica” na Europa foi a última etapa do Holocausto que, através do planejamento de um sistema industrial de extermínio humano, o nazismo executou o maior programa de genocídio e assassinato em massa da história, ceifando a vida de cerca de 6 milhões de judeus, além de grupos como os ciganos, comunistas, PcDs, homossexuais, etc. (Evans, 2015).

evocação de **Hitler** na frase “*a direita mais uma vez sonha com Hitler e conquista a maioria dos povos ricos e arianos do Ocidente*”, indicando uma preocupação com o ressurgimento de ideologias autoritárias de extrema-direita no Ocidente. Portanto, as crises migratórias ocasionadas pela crise ambiental, vinculadas à crescente de movimentos políticos autoritários de extrema-direita no Ocidente, são colocadas em paralelo ao genocídio sistemático do povo judeu durante o Holocausto.

Os *tweets* do presidente da Colômbia repercutiram nas mídias internacionais, resultando na manifestação do ministro das relações exteriores do Estado de Israel, Eli Cohen, em repúdio aos comentários de Petro, que considerou-os hostis e antissemitas. Em consequência, Israel interrompeu as exportações de segurança para a Colômbia, medidas que foram prontamente respondidas por Petro no dia 15 de outubro de 2023:

Figura 13 - O Auschwitz colombiano. Disponível em:
<https://twitter.com/petrogustavo/status/1713651638039117872>



Gustavo Petro inicia sua resposta considerando as ações de Israel na Faixa de Gaza durante os eventos da guerra contra o Hamas como genocidas, e cita nomes de duas figuras conectadas ao exército israelense, Yair Klen³⁶ e Raifal Eithan³⁷, que haveriam participado em ações genocidas na Colômbia. Em seguida, sugere que, eventualmente, o governo de Israel

³⁶ Yair Klein foi tenente-coronel do exército de Israel e fundador do grupo mercenário Spearhead Ltd. Klein foi condenado na Colômbia por providenciar armamentos e treinar diversos membros de grupos paramilitares colombianos e milícias de traficantes de drogas, como os sicários de Pablo Escobar.

³⁷ Raifal Eithan foi comandante das Forças de Defesa de Israel (FDI) e membro do parlamento de Israel. Segundo Petro, Eithan também teria treinado forças paramilitares na Colômbia, mesmo que não existam evidências suficientes que apoiem suas acusações.

pedirá desculpas pelo o que membros do seu exército fizeram na Colômbia, comparando esses eventos históricos com os conflitos em Gaza e os campos de concentração de “*Auschwitz*”³⁸, intitulado o massacre e o genocídio desencadeados pelas ações de Klen e Eithan de “*Auschwitz colombiano*”. Levando em consideração todos discursos de Petro analisados até aqui, a figura de **Hitler** parece ser utilizada como símbolo que representa o autoritarismo, o genocídio e a barbárie, expressando a esperança de que esses serão derrotados em prol da democracia, liberdade e paz do mundo.

Nos discursos de Petro presentes neste subcapítulo, podemos destacar diversos elementos que rememoram os debates teóricos e metodológicos discutidos até aqui. A intersubjetividade é a relação entre sujeitos que concretiza a potencialidade do discurso, ou seja, a produção de sentido ela só é realizada a partir da enunciação e interpretação (Benetti, 2016). Os *tweets* de Petro são constitutivamente dialógicos pois são dirigidos a diversos interlocutores, evidenciado pelo emprego de terminologias como “América Latina”, “povo de Israel” e assim como inevitavelmente aos seus seguidores e ao público em geral, dado o caráter do Twitter.

O presidente da Colômbia, ao defender suas visões de mundo e agenda política, realiza comparações polêmicas entre o presente e símbolos como “*Holocausto*”, “*campos de concentração*”, “*solução final*” e “*Auschwitz*”. Estes são empregados como uma estratégia retórica que apela aos interlocutores, assim como evidenciam aspectos do esquecimento número um de Pêcheux (2014), que representa o esquecimento ideológico. É nele que o sujeito, mesmo que de forma inconsciente, é afetado por suas ideologias.

Orlandi (2001) destaca que nenhum discurso é é invulnerável a posicionamentos políticos e, por isso, interpretamos que as características presentes nos discursos de Petro são similares às dos agentes da pós-verdade, já que manuseiam o passado para encaixar-se no presente, construindo uma realidade paralela a partir de narrativas infundadas, que usam da memória coletiva e experiências do passado para defender posicionamentos políticos (Traverso, 2012).

A comparação entre os campos de concentração de Auschwitz, considerado o maior símbolo do Holocausto, onde cerca de 1 milhão de judeus foram executados, com as ações de paramilitares e milícias de traficantes de entorpecentes na Colômbia, chamadas por ele de

³⁸ Auschwitz foi uma rede de campos de concentração nazistas localizada na cidade de Oświęcim, Polônia. Auschwitz é considerado o maior símbolo do Holocausto, já que nesses campos de concentração cerca de 1 milhão de judeus foram executados.

“*Auschwitz colombiano*”, parece, no mínimo, um uso polêmico do passado, já que o presidente não apresenta evidências suficientes que apoiam suas reivindicações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, pretendemos fazer uma discussão geral sobre a análise do *corpus*, tentando responder às perguntas de pesquisa e os objetivos estabelecidos no decorrer do trabalho. Sobre os possíveis resultados encontrados a partir da análise, Orlandi (2001, p. 28) explica:

Feita a análise, e tendo compreendido o processo discursivo, os resultados vão estar disponíveis para que o analista os interprete de acordo com os diferentes instrumentais teóricos dos campos disciplinares nos quais se inscreve e de que partiu. Nesse momento é crucial a maneira como construiu seu dispositivo analítico, pois depende muito dele o alcance de suas conclusões.

As analogias presentes nos discursos de Benjamin Netanyahu e Gustavo Petro, que comparam símbolos históricos do nazismo com temáticas da Guerra Israel-Hamas de 2023, são, no mínimo, controversas e podem causar desconforto em olhares mais afiados. Não estamos afirmando aqui que essas construções narrativas são intencionais, já que a intenção é uma particularidade humana que não pode ser afirmada categoricamente em qualquer projeto acadêmico que tenha rigor teórico-metodológico. Nossa proposta neste trabalho foi a de realizar uma pesquisa interpretativa dos conceitos e sentidos empregados nos discursos analisados.

A **questão-chave** que formulamos no início deste trabalho e tentamos responder é: “como autoridades políticas estão comparando ambos os lados da Guerra Israel-Hamas de 2023 com o regime nazista?”. Com base em nossa análise, chegamos à conclusão de que as comparações com o passado empregadas por Petro e Netanyahu fazem parte de uma estratégia retórica que busca destacar a gravidade das situações do presente colocadas em paralelo com as do passado.

Por exemplo, as referências ao Holocausto, um evento amplamente reconhecido como um dos episódios mais sombrios da história, é frequentemente usado para destacar a seriedade e a urgência de uma situação, mas o seu emprego não parece ter relação com as particularidades desse genocídio, já que é utilizado como uma forma de *truth-telling* por ambos líderes mundiais.

As comparações ao passado buscam inflamar o presente desconsiderando suas complexidades. As narrativas analisadas mergulham nas traumáticas memórias coletivas

acerca dos eventos da Segunda Guerra Mundial, em um movimento que descontextualiza e apela para a memória como um veículo que procura emocionar as audiências e tomar o lugar da historicidade. Essas são práticas recorrentes no repertório de um agente da pós-verdade.

Durante os debates conceituais sobre a pós-verdade, mencionamos que a narrativa que corrompe a realidade não surge do nada. O seu apelo é sempre baseado em algum alicerce como, por exemplo, seletos episódios de memória coletiva e experiências do passado, mesmo que estes sejam equivocados ou mutilados, apelando para a nostalgia de um passado fantasioso e idealizado, para qual a sociedade deveria retornar. Nas narrativas de Petro e Netanyahu, sinto que exista uma lógica reversa. Os seletos episódios de memória coletiva, mesmo que equivocados ou mutilados, procuram comparações e lógicas de um passado na qual a sociedade não deveria retornar, repudiando práticas de adversários e opositores ideológicos. O maniqueísmo empregado por Bibi é um recurso interessante, já que o emprego da dualidade do “bem” e do “mal” simplifica os discursos para o consumo das audiências, ou seja, a análise da historicidade e dos conceitos históricos levantados não são prioridades dentro das narrativas, mas as emoções causadas nas audiências.

A memória possui um importante papel na criação e na propagação dos discursos da pós-verdade, já que a interpretação do passado está, muitas vezes, acompanhada das problemáticas encontradas no presente. O passado descontextualizado parece ser utilizado para defender posicionamentos políticos pré-estabelecidos, legitimar ações do presente e obter apoio externo a partir da memória.

As problemáticas de pesquisa e objetivos levantados até aqui, considerando sua extensividade e suas variadas vertentes de exploração, carregam um teor de complexidade, já que era parte da proposta questionar possíveis problemáticas justapostas nas narrativas. Consideramos que esta só poderia ser realizada com seriedade após um extenso “mergulho” nas historiografias sobre o nazismo e o Holocausto, dos conflitos e relações na região nos séculos XX e XXI, assim como análises profundas e monitoramento das políticas de Israel e do Hamas.

No entanto, consideramos que o objetivo principal do trabalho, analisar os discursos com maior profundidade, assim como a hipótese levantada, de que havia a sensação de que as narrativas estavam baseadas em usos do passado, utilizadas para defender agendas políticas, foram confirmadas seguindo as metodologias empregadas na análise. É importante salientar que o trabalho não teve como objetivo investigar o caráter das figuras analisadas, mas apenas o de analisar os discursos e os sentidos empregados nos mesmos.

O recorte da pesquisa delimitou a análise de *tweets* publicados por Benjamin Netanyahu e Gustavo Petro, publicados entre os dias 7 de outubro de 2023 e 24 de novembro de 2023, que carregavam símbolos que remetem à memória do nazismo. Uma outra possibilidade de continuação da pesquisa é a análise das reações das audiências e da imprensa às narrativas dos líderes mundiais, questão fundamental nas pesquisas de história pública, já que afirmamos no debate teórico que a pós-verdade é um processo de conluio entre o interlocutor e a sua audiência.

REFERÊNCIAS:

- ALBIERI, Sara. **História Pública e Consciência Histórica**. in: ALMEIDA, Juniele e ROVAI, Marta (org.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- ANGERMULLER, Johannes; MAINGUENEAU, Dominique; WODAK, Ruth (Eds.). **The Discourse Studies Reader: Main current in theory and analysis**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BENETTI, Marcia. **Análise de Discurso como Método de Pesquisa em Comunicação**. in: LOPES, Maria, Immacolata Vassallo de e MOURA, Cláudia Peixoto de. **Pesquisa em Comunicação: Metodologias e Práticas Acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- CARREON, Renata de Oliveira. BARONAS, Roberto Leiser. **Lives presidenciais: reflexões iniciais sobre o discurso político digital**. Revista da Abralín, v. 19, n.3, p. 541-561, 2020.
- CONSTANTINO, N. **Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinência e possibilidades**. Porto Alegre: Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. XXVIII, n. 1, p. 183-194, 2002.
- COSENTINO, Gabriele. **Social Media and the Post-truth World Order**. Cham: Palgrave Macmillan, 2020.
- ELIAS, Norbert. **Os Alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- EVANS, Richard J. **The Third Reich in History and Memory**. Oxford/United Kingdom: Oxford University Press, 2015.
- GAINOUS, Jason; WAGNER, Kevin. **Tweeting to Power: The Social Media Revolution in American Politics**. New York, NY: Oxford University Press, 2014.
- GUDONIS, Marius e JONES, Benjamin T. “**Who Controls the Past?**”. In: GUDONIS, Marius e JONES, Benjamin T. (eds.) **History in a Post-Truth World: Theory and Praxis**. Nova Iorque/ Londres: Routledge, 2021.
- HOBSBAWM, E. **A Era do Capital (1848-1875)**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- KALPOKAS, Ignas. **A Political Theory of Post-Truth**. Cham/Suíça: Palgrave Pivot, 2019.
- MERCER, Bern. **Trump, Fascism, and Historians in the Post-Truth Era**. ASHTON, Paul; EVANS, Tanya; e HAMILTON, Paula. **History in a Post-Truth World**. Berlim/Boston: CPI books GmbH, Leck, 2021.
- NOIRET, Serge; TEBEAU, Mark e ZAAGSMA, Gerben. **Handbook of Digital Public History**. Berlin/Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2022.

- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni. **Discurso em análise: sujeito, sentido e ideologia**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012.
- OUYANG, Yu; WATERMAN, Richard. **Trump, Twitter, and the American Democracy: Political Communication in the Digital Age**. Cham: Palgrave Macmillan, 2020.
- PARISIÉR, E. **The Filter Bubble**. New York: The Penguin Press, 2011.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2014.
- PONS, Anaclet. **The Historiographical Foundations of Digital Public History**. In: NOIRET, Serge; TEBEAU, Mark e ZAAGSMA, Gerben. *Handbook of Digital Public History*. Berlin/ Boston: CPI Books GmbH, Leck, 2022.
- RAVVEDUTO, Marcello. **Past and Present in Digital Public History**. in: NOIRET, Serge; TEBEAU, Mark e ZAAGSMA, Gerben. *Handbook of Digital Public History*. Berlin/Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2022.
- SANTHIAGO, Ricardo. **Dois palavras, vários significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil**. in: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *História pública no Brasil: Sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- STEINHAUER, Jason. **History, Disrupted: How Social Media and the World Wide Web Have Changed the Past**. Cham: Palgrave Macmillan, 2022.
- TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar: história, memória e política**. Lisboa: Edições Unipop, 2012.
- VALENCIA-GARCIA, Louie Dean. **Far-Right Revisionismo and the End of History: Alt/Histories**. New York/Abingdon: Routledge, 2020.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da Memória: “um Eichmann de papel” e outros ensaios sobre revisionismo**. Campinas: Papirus, 1988.
- ZOGLAUER, Thomas. **Constructed Truths: Truth and Knowledge in a Post-truth World**. Wiesbaden, Alemanha: Springer Nature, 2023.